

# SOL

REVISTA do CÍRCULO de ARTE MODERNA



"Desespéro" de Franz Masereel. (Belga)

# POEMA

Anibal Nunes Pires

Procurei meu canto  
no vazio dos céus  
Ouvi  
Vagidos de infantes  
mortes prematuras  
Choro de crianças  
sem jardins  
Gritos de homens  
irrealizados

Procurei meu canto  
Perdido no cáos  
Outras vozes  
ensurdeceram meus ouvidos  
Clamavam vida  
Clamavam justiça  
Clamavam liberdade  
Clamavam pão

Fugí de mim mesmo  
Odiando as estrelas  
Os versos ao luar  
À aurora  
Aos cabelos da amada  
E esqueci meu canto.

# MANHÃ

Armando S. Carreirão

Mancha pálida no oriente  
É manhã...  
Qualquer inquietude  
Nas chaminés em respiração  
Sobre as sombras matinais  
As aragens carregam suas nuvens...  
E nas ruas ainda os pensamentos  
Levantam as suas cortinas  
Não é o cavalgar dos carros  
Que interrompe os sonhos  
Sentir mesmo em si o amanhecer  
Nos momentos que hão de vir  
Levar nos lábios a doçura  
Da vida dos transeuntes  
O objetivo de suas caçadas  
Navegar também nas revoltas  
Nos escombros que escondem as almas  
Procurar quem sabe a verdade  
De um amanhecer na existência  
E quantos amigos amarrados  
Sob os nossos pés! Ó! Quantos!  
O viver corre nos pensamentos  
A luta levanta a poeira nos caminhos  
E todos se misturam se enlaçam  
Bebemos do mesmo copo a seiva da tristeza  
E discordamos sempre de rumos  
Foge a alegria de nossa infância sem sentirmos  
E atirados nas cidades vivemos.

## FINIS

Marcos Romero

Amemo-nos como nunca!  
Fecha-me de torturas e beijos,  
Deixa-me exangue  
Dos desejos mais impuros.  
Corta-me fundo no peito claro...

Assim, vorazmente ao princípio  
Venenosamente lenta — depois  
Faça cair de morte fria  
Os meus braços quebrados  
De dor completa e saudosa  
Como se fôra a última vez!

Rio

## “M'ERMÃO” MÁRIO DE ANDRADE

Eglê Malheiros

Quando nascemos não pulsa em nosso peito nem a esperança, nem a desesperança. Contentamo-nos em paradisíaca e animalmente comer e dormir. Esperam pacientes que tenhamos um início de raciocínio para então começar a propaganda organizada da esperança. Por alvo na vida, a posição de grandes médicos, advogados, comerciantes, capitães, cantores, artistas e até grandes cafagestes. Mas sempre “enormes”. Porque o Brasil imenso, precisa de titãs afim de que a sua glória aumente cada vez mais. Ai de quem ambiciona ser um pequeno engenheiro. Recebe imediatamente doses cavalares da deusa verde, pensa-se em anomalias psicológicas. O estupor chega ao máximo quando um já bem encaminhado projeto de “doutor com consultório no centro” manifesta a degradante tendência para a carpintaria, por exemplo.

A droga não é ministrada somente em função do indivíduozinho. A pátria toda é atingida. Ele, o garoto, deve se tornar digno continuador de Caxias, de Peijó, dos dois Pedros, de Floriano, de Hermes, do presidente da República, de todos os seus ministros e afilhados mais em foco. Pois não vive num mero país, mas na terra do “porque me ufano”. Que tem Amazonas, Paulo Afonso, tem um pedaço das Sete Quedas, tem Machado de Assis (com restrições) e Coelho Neto (plenamente), tem... ai se para, porque nem tudo são rosas.

A criança, tendo constância e um pouco de comida, se cria. Olha um pouco em torno. Topa com toda a série de dificuldades. E vencida. E sofre um ataque agudo de desesperança. Desesperança de si mesma. Um ser falho em meio às maravilhas. Porém a “mise-en-scène” tem suas imperfeições. E no conto de fadas ele encontra também o analfabetismo e a tuberculose, o caboclo de côco-ras e a fome campeando. Outro ataque forte. Dessa vez de desespero no Brasil. Dai para descrever da humanidade toda, pouco falta.

É o momento crítico. Há duas atitudes a tomar. Negativismo e “non chance” de um lado. De outro, uma conformada descrença em si mesmo, mas a certeza de que os homens evoluem e que de tudo isso, uma vez afastados os elementos em putrefação, surgirá algo novo.

Essa última atitude porém, se apresenta cheia de elementos contraditórios para o homem formado no ambiente de decadência burguesa. E os donos do mundo a ninguém dispensam, exigindo todos a seu serviço. Propaganda contínua. Pregão incessante de falsas maravilhas e cochichos plenos de promessas para quem os ajudar nesse trabalho inglório. Ninguém é dispensado. Mormente o artista.

É o drama do artista burguês. À frente de sua época, com âncoras no que se desfaz. Conciente e ajudando o advento de um mundo melhor, mas sabendo que nele será um deslocado, um deformado pela existência anterior. Solicitado ainda pelos diversos impulsos de sua personalidade, em geral hiper-sensível e complexa.

Descrever êsse drama é difícil e mais penoso vivê-lo. Mário de Andrade é um grande exemplo.

Esse velho amigo Mário como se angustiou por isso. O quanto não lhe custou aquela confissão da conferência de 42. Reconhecer, depois de homem feito, que para a humanidade, para os seres com quem vivia e de quem também vivia, quase nada fizera. De que o lado humano de sua obra deixava a desejar. E logo a atitude assumida. De responsabilidade e cooperação. De anti-fascismo militante, meio de permitir que um dia os homens vivessem melhor e mais felizes.

É-me difícil escrever sobre Mário de Andrade porque é um grande amigo. A quem jamais falei ou escrevi, mas ao qual sempre recorro. Mário mais vivo do que nunca, em seus livros, seus artigos, sua poesia e suas crônicas. Mário atual. Mário que faz falta, falta enorme. Há muito para anotar. Não o elogio gratuito, que ele dispensa. Mas as verdades, as afirmações.

## CIRO PIMENTEL E A POESIA DOS NOVISSIMOS

Antônio Paladino

Já muito se tem falado a respeito dos novíssimos. Discute-se seus valores, suas tendências, experiências. Elogios; boa vontade de uns; pouco caso; ouvidos surdos de outros. Sae o Sr. Carpeaux desançando o pau na nossa ficção mais nova enquanto prognostica melhores dias para sua poesia. De outro lado surge o Sr. Osvald Andrade e outros que tais, gastando palavrórios, pondo a descoberto o seu despeito e antipatia por uma geração que nada quer com eles. Caminham assim as coisas; num desentendimento frisante; numa quasi babel em que cada um fala a sua linguagem pessoal — porque não dizer relativa? — e só põe para fora aquilo que lhe acerta dizer ou, melhor, aquilo que está de acordo com o seu ponto de vista já formado, vivido, assimilado, no decorrer de outros anos, outros ambientes e circunstâncias que não as de agora. Entretanto, a grande verdade é que ainda é cedo para que se façam interpretações mais apressadas e definitivas sobre a poesia dos novos. A última palavra ainda não poderá ser dada; as opiniões de hoje não passam de meras tentativas para opiniões mais definitivas amanhã.

Não é segredo para ninguém que o movimento dos novíssimos é coisa muito recente; que data de mais ou menos dois anos para cá.

Julgamos talvez por isso mesmo que nos críticos de hoje, os mais experientes e capazes, não serão aqueles justamente que darão a última palavra sobre esse movimento. Até lá esses críticos, naturalmente, já não estarão mais atualizados, afinados, para captar as nuances, sentir suas mínimas particularidades, dar-lhes um sentido definido. Para tal, só um novo; alguém que tenha tomado parte integrante neste movimento, que nascesse com ele, que o sinta portanto na sua forma mais intrínseca e universal.

Todas essas reflexões, vieram-me depois que terminei a leitura do caderno de poesias do Sr. Ciro Pimentel. Livro difícil de classificar. Poesias que trazem um cunho ines-

perado, todo especial; que nos confundem às vezes; nos deixam como que estonteados, nos tomam assim de sopetão, e nos agradam bastante, embora fiquemos sem saber quase sempre explicar como é esse agrado. É uma obra de autor novíssimo e nela o Sr. Ciro Pimentel nos mostra de quanto a nova poesia é capaz.

A forma, como se pode ver, ainda não está bastante amadurecida. Há certos defeitos de exteante que se pode perceber aqui e ali. Versos como estes por exemplo, ainda carecem de maior domínio técnico.

"Seguindo sonhos, sóis orientaes  
"Colorem as faces, que ascendem  
aos vales

"Branços, onde altas árvores  
abrigam árvores errantes.

Note-se que nesses versos, as frases têm um seguimento quasi que de linguagem prosaica, fluente.

Entretanto, não serão falhas desse quilate que empanarão o valor da obra do Sr. Ciro Pimentel, vista em conjunto. Não acreditamos. A par delas poderemos citar o sentido poético da obra. Uma poesia que nos envolve, que se agarra a nós, assim como qualquer coisa que desejamos e não desejamos ao mesmo tempo.

Um recelo gostoso de nos entregarmos inteiramente a algo inexplicável, que ainda não conhecemos e que no entanto nos fascina e atrai.

É verdade, — e seria quasi impossível olvidá-lo aqui — que o autor se repete algumas vezes, que se prende a algumas constantes, tais como os temas sobre céus, estrêlas, silêncio, etc; que aparece muitas vezes no livro; e demonstra uma ou outra vez, um gosto, talvez de mal gosto por uma ou outra palavra assim como nubifugo, içário, etc., de pouco uso entre nós e que nos fazem pensar embora não o acreditamos, mesmo — na intensão de originalidade do poeta.

Fora esses senões, nada mais temos que censurar na obra do Sr. Ciro Pimentel. O mais só merece elogios de nossa parte. E elogios dos mais sinceros.

Versos como estes são dignos da nossa maior admiração:

"A loucura dos astros esculpiu-me esta vida.

"Hirta de ausência, louca de cores.

"Própria de amores-noivos e de noivas outonais".

Ve-se por aí a rara e indiscutível sensibilidade poética do autor. Não só nesses como ainda em outros versos, essa mesma acuidade e fi-

## COMODISMO

Walmor Cardoso da Silva

Hoje não saio,  
A música e a poesia  
Encantam-me,  
E a preguiça cansa-me.  
Não saio, não importa  
Si há garotas,  
Dansas,  
Passeios,  
Beijos,  
E alguém a me esperar,  
Amigos...  
Não quero sair.

Não saio da minha  
Comodidade,  
Malandragem,  
Sinto-me em mim.  
Devo tomar banho...  
Vou tomar banho...  
E dormir...  
Devo dormir.  
E comer qualquer coisa...  
Devo comer.  
Que aborrecimento!!!

na penetração, também transparente:

"Homens quotidianos:  
"Não choreis vossos gestos,  
"Vossos corpos,  
"Já fostes e sois apenas  
"Saudade

Seria insensato querer afirmar que a poesia do Sr. Ciro Pimentel está isenta de algumas influências positivas. Absolutamente. Apesar do cunho próprio que ela já vai tomando, nota-se ainda aqui ou ali uma leve presença do Sr. Carlos Drumond de Andrade. Este verso por exemplo: "Só, estou sem mim, ausente, impróprio" é um tanto drumoniano.

Mas, mais insensato ainda, seria querer negar que relativamente à grande onda de poetas que têm surgido ultimamente, o Sr. Ciro Pimentel não possa ser considerado, sem medo de engano, ou erro, com uma das vocações mais definitivas e representativas da poesia dos novíssimos.

## A SOMBRA DE IRMÃ VICÊNCIA

Élio Ballstaedt

Quarto número dezessete. Hospital Sta. Tereza. Um corpo estendido no leito: meu corpo fraco, músculos nem mesmo fortes para segurar a colher de remédio e levá-la sem entornar à boca. Se lhe perguntassem, nos primeiros dias de internamento, quais as feições, se a enfermeira tinha olhos azuis ou castanhos, não saberia responder. Era indiferente a tudo: horas, estado de saúde, a freira que entrava e saía, passos leves e ligeiros. Deixava-se ficar estirado na cama, sem querer ter idéias, os dias seguindo calmamente a rotina. Até que houve o incidente:

Ele falou para Irmã Vicência:

— Abra a janela. Está muito calor.

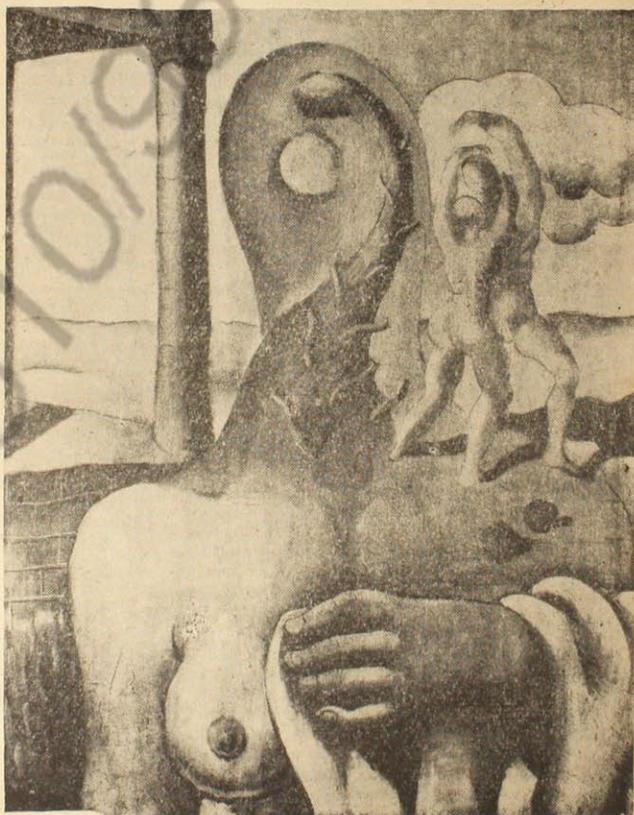
— Que é isso, meu filho? Paciência. Não vê que assim vai piorar. Está ventando.

As imagens surgiram imediatas. Entrelaçadas. Nítidas. Parecendo que estavam à espera de uma ordem para voltarem à memória, donde, pareciam nunca ter saído. Começou a reparar. Pensar. Era forçado, mesmo não quisesse! Aqueles olhos eram os olhos de Joana. Também os gestos. A maneira de falar. Joana tratava-o por carta: "Meu filhinho". Tinha sido um amor dos vinte anos. E quando chegava em casa depois da conversa de toda noite, indisposto, como que abatido, se sua mãe ainda estava acordada perguntava-lhe: "Estás tão triste. Brigaste com Joana? Ela é tão boa". Sua mãe tinha vontade que os dois casassem. E ele sabia de cor muitos trechos das cartas recebidas, todos aflitivos: "Querido, por que foges de mim? Não me achas digna do teu amor? Ou

já não me amas?" Nunca soube porque deixara que ela se fosse. Amava-a tinha certeza. Foi qualquer coisa superior aos seus poderes. Queria. Mas sentia-se infeliz, sempre fugindo dos lábios de Joana. Ele notava a presença, agora, Irmã Vicência; Joana. E desejava.

Acordei com o peso de forte mão sacudindo-me o ombro: "Vamos, seja bonzinho. O remédio não é amargo. Pronto! Não é gostoso". Eu havia encolhido-me na cama. Medo, não atino a razão. Irmã Vicência deve ter pensado que era repugância pelo remédio, por isso quis encorajar-me, falando-me daquela maneira. Depois retirou-se sem barulho, deixando no quarto sua voz, repetindo-se, assim maternalmente: "Vamos, seja bonzinho..." Então começaram a gotejar pelas frestas do pensamento, vozes insanas, retorcidas, impelindo-o para a mulher, Joana, desnudando o corpo feminino, vozes ao mesmo tempo abafadas, misturadas, com a visão do hábito negro, sombrio de Irmã Vicência. Sempre que pressinto sua vinda imediata, domina-me um terror inexplicável. Agitam-se meus músculos, todos tremendo, semelhantes, embora seja grotesca a comparação, à gargalhada da mulher histérica, entrecortada de luxúria. Agucos os ouvidos à espreita de passos já conhecidos, caminhando pelo corredor. Tortura-me o correr das horas que aproximam o momento de sua presença. Vejo esvoaçantes, medonhas, aquelas vestes negras que me fazem fechar os olhos, ao mesmo tempo que sou impellido a abri-los, desejando ver o rosto que me atraí. E como se me tivesse jogado num pantano com a firme deliberação do suicídio: Enquanto as idéias esforçam-se por afundar junto com o corpo, os instintos erguem-me os braços, na ânsia desesperadora de alcançar um ramo de árvore baluçando acima de minha cabeça, que pudesse salvar-me.

(Cont. pág. 15)



Último trabalho à óleo do artista brasileiro "Ismael Nery". (1932) Sobre este artista recomendamos a série de artigos aparecidos em "Letras e Artes" de autoria de Murilo Mendes.

# JULES RENARD

Por Hercílio Medeiros

Dos autores franceses cuja existência o grande público, em nosso país, totalmente ignora é o creador de "Le cornifleur", possivelmente, o maior.

Esse desconhecimento, porém, não deve ser levado à conta da proverbial indiferença nacional pelas cousas do espirito, mas da discutível orientação em geral seguida na escolha das traduções pelas editoras brasileiras e portuguesas.

E de traduções é que se deve mesmo falar, já que, lamentavelmente, cada vez mais reduzido é o número dos que, entre nós, são capazes de compreender o belo idioma de Molière.

Mas, força é reconhe-lo, no caso de Renard, a pretensão que vem sofrendo aqui tem, até certo ponto, a justificá-la, a relativamente pequena repercussão que os seus livros alcançaram na própria França, em vida do escritor, prematuramente falecido, aos 46 anos de idade, em 1910.

Disso no-lo dá testemunho, com indistarcável amargor ele mesmo no seu incomparável "Diário", editado em Paris dezessete anos após sua morte, em 1927, e cujo aparecimento fez com que se voltassem então, todos para a sua obra, até ali quase que inteiramente relegada ao domínio de uma elite muito reduzida.

É que o "Diário" vinha revelar o profundo significado de sua produção constituída de novelas, contos e peças de teatro, de urdidura simples, mas admiravelmente escritas, mais ao sabor de letrados, portanto, do que daqueles que unicamente procuram nos livros uma intriga interessante que lhes ajude a matar o tempo...

Pelo "Diário" ficamos sentindo que sua obra é quase toda autobiográfica e que "Poil de Carotte" a história daquele menino "souffre douleur", no limiar da adolescência, dolorosa vítima da incompreensão materna, aquele mesmo que, num desabafo irreprimível, escancarando o coração, deixara escapar que "nem todos podem ser órfãos", é o próprio escritor que, no descrever, encontrava de certo lenitivo para a sua sensibilidade amargurada ainda pelas injustiças sofridas na infância.

Por isto, de verdadeiro assombro foi a reação dos leitores ao verem, à margem do parágrafo — 12 de março de 1889 — em que registra incidente ocorrido entre sua mulher e "maman", aquela terrível senhora Lepic, a seguinte observação: "Foi esta atitude de minha mãe para com minha mulher o que me levou a escrever "Poil de Carotte".

De súbito, desfez-se, assim, a lenda do homem mau que os hipocritas haviam criado à custa da sinceridade do escritor.

O "Diário" produziu a sensação que teria ocasionado o pintor que, numa galeria, em que se encontrassem expostos os seus audaciosos estudos de nu, tecnicamente perfeitos, tivesse colocado, por debaixo da teta, como se elas fossem as retratadas, o nome de respeitáveis senhoras, conhecidas do público.

Completada, como se acha, a obra com o "Diário", pode-se sem paradoxo afirmar que hoje interessa-nos sobremaneira a obra porque conhecemos o "Diário" e que lemos o "Diário" por ser do autor daquela obra.

É o que observa Gide em relação à Flaubert, quando diz que deixaria os romances deste por suas cartas, acrescentando, porém, que as cartas de Flaubert lhe interessariam muito menos se Flaubert não fosse, antes de tudo, o autor de "L'Education Sentimentale" e de "Salambô".

Já alguém disse que os livros de Renard, breves, fragmentários, subtis, não podem ser lidos de um folego, mas lentamente, procurando-se a intenção de cada linha, de cada adjetivo. São livros para ler-se. Livros de artista. E em cada releitura descobre-se alguma coisa de novo. Para Thibaudet, ele é dos maiores escritores de seu tempo, um dos raros cujas obras completas ficarão, talvez, em bloco.

Mas Renard, que se enfileira incontestavelmente entre os naturalistas, surge, como acentua Sartré após as epopeias em dez volumes. Ele figura na cauda do grande movimento literário que vai de Flaubert a Maupassant, passando pelos Goncourt e Zola. Entra na carreira com o sentimento desesperado de que tudo está dito e que vem muito tarde. Renard é obeccado pelo desejo de ser original e pelo temor de a isso não atingir.

Se fizesse como Sartre — que, em lugar de procurar por toda a parte e em vão, espetáculos novos, escolhe uma nova maneira de vê-los — encontraria todas as vias livres, julgaria que tudo está ainda por dizer e seria, por vezes, presa de vertigens diante destes espaços vazios que se estendem deante do existencialista.

O caso de Renard é, porém, outro. Ele se preocupa exclusivamente com a pesquisa im pessoal da verdade, tal como o fizeram os naturalistas. Ora, esta verdade é precisamente a descrição exata da aparência sensível e psicológica assim como ela se apresenta a um observador presumivelmente imparcial. Neste caso, porém, sobre que escrever? A análise dos grandes tipos psicológicos ou sociais já está feita: que dizer de novo sobre o homem de negócios, o mineiro, a cortezã? Zola já passara por ali. O estudo dos sentimentos gerais está esgotado.

Resta o pormenor, o individual, o que os antecessores de Renard desdenharam precisamente porque sua ambição visava mais alto. A 17 de janeiro de 1889 Renard escreve: "Colocar no alto do livro: Não vi tipos, mas indivíduos. O sábio generaliza, o artista individualiza."

E essa foi a divisa que ele invariavelmente adotou ao escrever curtas histórias, análises do seu "ego", quadros sóbrios dos meios campestres, da vida dos animais em sua aldeia, e de que nos dá nas "Históires Naturelles" uma riquíssima coletânea.

Não passará, como ele mesmo ali se descreve, de um "caçador de imagens". Como "chasseur d'images" salta do leito de manhã cedo e só parte quando o espirito está limpo, o coração puro e o corpo leve como um vestuário de verão. Não leva provisões. Beberá o ar fresco em caminho e aspirará com energia os aromas salubres. Deixa as armas em casa e se contenta em abrir os olhos. Os olhos servem de rédes pelas quais as imagens são apanhadas.

Escrevendo para o teatro peças curtas, em que também visa o pormenor, o individual, quasi todas em um ato, (as que tinham mais de um nunca passavam dos dois atos), confessava-se incapaz de desenvolver além desses limites a ação mais complicada e criticava, pelo que eles tem de artificial, esses dramas intermináveis em três e cinco atos.

Em sua maioria são essas peças adaptações de novelas suas e, pelo menos uma delas, quasi sempre "Poil de Carotte", integra o repertório dos conjuntos francezes que anualmente nos visitam.

Mas foi incontestavelmente "Le Plaisir de Rompre", obra prima "d'esprit pincé, sec e desabusé", no dizer de Thibaudet, e que é publicada agora, traduzida em primeira mão, para que se afira das subtilesas do escritor, a que alcançou mais vivo sucesso quando levada à cena em Paris em fins do século passado.

# O PRAZER DE ROMPER

Comédia em um ato por

JULES RENARD

AO JOVEM MESTRE DE POESIA DRAMÁTICA  
EDMOND ROSTAND

HOMENAGEM AO ESCRITOR E RECORDAÇÃO  
DO AMIGO

Representada pela primeira vez a 16 de março de 1897, no Circulo dos Esportistas, e reprisada a 12 de março de 1902 no Teatro Francés.

Tradução especial para "SUL" e Teatro Experimental do C. A. M.

PERSONAGENS:

Branca  
Maurício

(Em Paris. Um salãozinho no quinto andar. — Bibe-lôs recebidos de presente, móveis disparatados, tudo o que uma mulher que muito amou e não enriqueceu, pode aí por de íntimo. — No fundo, lareira. — Porta encortina-da à esquerda. — Mesa à direita. — Tamborete estofado no meio. — Um piano aberto. — Flores baratas. — Alguns quadros na parede. — Fogo de lenha. — Uma lâmpada acesa).

(Branca está sentada à mesa. Vestido caseiro. Rendas velhas são o seu único luxo, toda a sua herança. Remexe gavetas, queima papéis, ata a fitinha de um pequeno pacote, e tira, de uma caixa, uma carta antiga que relê. Ou melhor só relê da carta frases que destaca. Isto comove-a até a tristeza. Uma outra fala menea: a cabeça. Outra, enfim, força-a a rir francamente. Batem. Branca torna a colocar, sem pressa, a carta na caixa e a caixa na gaveta da mesa. Depois ela mesma vai abrir).

(Maurício entra. Desde as suas primeiras frases e gestos, sente-se que está como em casa).

Maurício: — (Acentua as palavras) — Bom dia, caríssima e linda amiga.

Branca: (Menos enfática) — Bom dia, amigo (Maurício procura beijá-la por hábito, por polidez, e para enfrentar o perigo. Ela recua) Não.

Maurício: Oh! Como amigo.

Branca: Não mais de agora em diante.

Maurício: Podes ficar certa que isto não me perturbaria.

Branca: Nem a mim; mas é mesmo: é inútil... terminaste as tuas caminhadas?

Maurício: (Coloca o chapéu e a bengala sobre um móvel e senta-se a esquerda da lareira, estende as mãos para o fogo, reaviva-o, trata de não parecer constrangido. Branca está sentada perto da mesa, do lado oposto a aquele onde ela lia a carta). — Todas e é verdadeiramente prostado que eu me sento. Por que é que a gente não pode dormir solteiro e acordar casado? Fui primeiro à pretoria; dirigindo-me para aqui, e depois para ali, depois a direita, depois a esquerda, depois para os fundos, fiz perguntas a diversas pessoas indiferentes a quem meu casamento não parece ter interessado muito... Dalí fui até o alfaiate, provar a casaca. Ele me prescreve, como indispensável, um pouco de enchimento aqui. Tenho de fato um obra mais baixo que o outro.

Branca: — Não tinha notado.

Maurício: — Agora que isto te é indiferente, posso confessá-lo.

Branca: — Não o direi a ninguém.

Maurício: — Fui, daí, até a igreja. Parece que tenho de me confessar!

Branca: — Decerto, precisas renovar a tua alma.

Maurício: — Uns me afirmam que o cartão de confissão se compra, e outros que posso esbarrar com um padre caturra que me dirá se eu parecer homem de sociedade e espírito forte: "Não se trata disso, meu caro, é você cristão ou não é? Si você é cristão, — ajoelhe-se e faça o seu exame de consciência". Vejo-me grotesco pisando as lajes com meus sapatos de verniz. Agradável quarto de hora!

Branca: — Acho que vais precisar de mais de um quarto de hora. Pobresinho, a tua noiva há de saber agradecer-te um tal sacrifício.

Maurício: — (Ergue-se e se encosta a lareira) — Estou aborrecido... E me diz uma coisa (hesitando) querida, não tencionas ocultar-te, decerto assistirás ao meu casamento?

Branca: — Não me convidas sempre?

Maurício: — Naturalmente. Para a cerimônia religiosa.

Branca: — Irei.

Maurício: — Conto contigo. (Fria mente). A gente se divertirá. (Mais alegremente). Sobre tudo tu. Ver-me-ás descer as escadas da igreja com a pequena de branco.

Branca: — Farás isto muito bem.

Maurício: — Contra minha vontade, creio, deverei dizê-lo? — Oh! Posso te dizer tudo... (Vem sentar-se sobre o tamborete em frente de Branca). Penso em histórias de vitriolo.

Branca: — Oh! Estás me sondando! Está bem! Que-rido, tira essas idéias da cabeça, elas te dão uma aparência ingênua. É bastante desagradável um homem que tem medo! Porque tu estás com medo e te mantens na defensiva com o cotovelo como escudo. Os santos vão rir nos seus nichos. Mereceiras isto!... Mas eu teria medo de queimar o meu vestido.

Maurício: — Sua maróta! Estás enganada, não me fazes medo, tenho mesmo a intenção de te apresentar à minha mulher como minha parente.

Branca: — Ou como preceptora para os filhos que vão nascer. Mais tarde, eu tomaria conta deles e vocês poderiam viajar.

Maurício: — Já agri-doce! Isto começa mal.

Branca: — Também tu me irritas com teu sistema de compensações. (Ergue-se e entrega a Maurício a conta da florista e a de Madame Paulina). Estive na florista. Ela promete de te fornecer todas as manhas um ramalhe-te de dez francos.

Maurício: — Dez francos? Por quê?

Branca: — Oh! Regateei. Por êsse tempo frio, não é caro.

Maurício: — Não, si as flores são bonitas e se forem entregues a domicílio.

Branca: — Serão entregues. Pedí á Madame Paulina para te arranjar um anel, um léque, uma caixa de bombons e alguns bibelôs miúdos. Disse que tu serias generoso sem contudo fazeres loucuras.

Maurício: — Evidentemente. (Com ligeira inquietação). Isto terá de ser pago logo?

Branca: — Fica na tua vontade; mais tarde, depois do casamento.

Maurício: — (Tranquillizado) — Fico-te muito grato. (Ergue-se: os dois estão separados pela mesa). Na verdade, tu não és uma mulher como as outras.

Branca: — Nenhuma mulher é como as outras. Que mulher, sou eu, então?

Maurício: — (Maurício tomando a mão de Branca): — Uma mulher de tacto.

Branca: — Já que tudo está conforme, decidido.

Maurício: — Concordo. Oh! até esta última visita fomos perfeitos. Mas é minha última visita. Não nos veremos mais.

Branca: — Rever-nos-emos como amigos. Tu me dizias isso agora mesmo.

Maurício: — Sim, mas bem de outra maneira. E na escada eu tive vagos estretimecimentos.

Branca: — Porquê?

Maurício: — Porquê...

Branca: — Em mim nada me censura. Quando me entregues a ti eu já não sabia que teria de me corrigir um dia? se a separação foi penosa...

Maurício: — Acabamos bem. Nossos dois corações ficaram de bem.

Branca: — Eles estão hoje perfeitamente desligados. Tens neste pacotezinho as últimas raízes: algumas fotografias, tua certidão de nascimento que eu tive a curiosidade de ver... Como tu estás ainda moço.

Maurício: — Contigo não se envelhece.

Branca: — ... E um livro emprestado. El-lo.

Maurício: — Seja assim! É um prazer romper contigo.

Branca: — Contigo também.

Maurício: — E o que nós estamos fazendo é o que está certo. É tão raro separar-se de alguém assim! Nós nos amamos tanto quanto é possível, como não se ama duas vezes na vida, e nos separamos porque é preciso, sem recorrer a processos condenáveis, sem uma menor amargura.

(Cont. pág. 10)

# APONTAMENTOS À MARGEM DAS ÚLTIMAS LEITURAS

Salim Miguel

Dois Romances Brasileiros:

## 1 — Repouso

Cornelio Pena, pode-se dizer, é um caso único na literatura brasileira. Ele joga com o tenebroso, o tético. Seus personagens são anormais, irrealis, com uma profunda e sombria vida interior. Mas por serem assim, eles se tornam, ficam reais e humanos a força de irrealidade. Explicamos: O autor, com o seu inegavel poder de novelista, os sabe conduzir, sabe lhes dar um seguimento psicológico coerente. Entenda-se porém esse coerente, pois ele não está aqui no sentido de lógico, claro, límpido. Não! Muito pelo contrário: Os personagens de C. Pena são nebulosos, obscuros, arredios ao leitor, prodigiosamente complexos. Vivem torturados, seus dramas íntimos independem do A. que simplesmente os narra, e verdade, cruelmente as mais das vezes.

Num estilo próprio, subtil, todo feito de meios tons, de cinsas, de trumas, com certa parcimonia de palavras, mas sabendo utilizá-las com exatidão, aproveitando-as até o máximo, e sem dar impressão de pequenez de vocabulário, ele conduz o livro. E o que importa primordialmente é a análise dos tipos, sua estrutura íntima, a forma como reagem diante das coisas.

Mas uma vez o A. descreve uma cidade pequena, no interior de Minas, cidade morta, com suas famílias tradicionais, seus costumes e lutas, suas taras e loucuras. Os personagens se movimentam num clima denso, de tragedia, que não fosse a habilidade do A. descambaria para o patético dramalhonesco. Um silêncio pesa sobre tudo, todas as coisas e seres, as pessoas são parcias de palavras, a alegria é uma intrusa e indesejável que só surge rápido para logo se refugiar acovardada. O passado surge em tumulto para perseguir as pessoas, que a ele aderem e dele vivem.

As reações de Dodôte são puramente ela mesma, sem aparentemente qualquer influência estranha. E um ser que se fez ali — e somente sabe reagir em função dali. Dodôte é um ser que vive em função do passado, que se constrói um mundo próprio onde não deseja interferência.

Urbano, menos completo como personagem, com menos vigor talhado, possui quicá uma personalidade mais vibrante, mais aberta para todas as coisas, mais vivida — porém menos fascinante.

Os outros servem de fundo, de preparação de ambiente, sem no entanto perderem o cunho próprio que dá o tom, o clima a todo o livro, talhados de acôrdo com o aproveitamento deles para o todo, aproveitamento que poderão ter no futuro, em função dos elementos principais.

Repouso é um romance pesado, de leitura não direi difícil, porém nada fácil, para ser lido calmamente, com cuidado, analisado, pois qualquer coisa que escape faz falta, é necessário pegar tudo, para a percepção geral da beleza do livro. É inegavelmente das mais importantes obras publicadas ultimamente no Brasil.

Mas ao autor escapam ainda, as vezes, certas expressões menos boas, certo excesso do que poderíamos chamar gaiatamente (se o livro pudesse ser tratado gaiatamente) de transcendência penumbrosa, um metapsiquismo nada bom, na expressão de Mário de Andrade, um misticismo piegas e frio. Também várias e inúteis repetições cansativas, utilizando muitas vezes como se fóra em romance folhetinesco e que nunca esperaríamos encontrar, que formam verdadeiro contraste com o clima e a linguagem geral, própria, que o livro possui.

O "assunto" propriamente não importa para Cornelio Pena. O que importa é a maneira de ver o assunto, as reações íntimas dos personagens e o que dali pode extrair o autor como experiência humana ou mensagem.

"Repouso" é, juntamente com "O Lustre" e "A luz da estrêla morta", das únicas obras de ultimamente que trazem alguma coisa de novo, de próprio, de experiência vivida, para a novelística brasileira.

"Repouso" nos parece o mais importante deles (talvez que não, talvez que em pé de igualdade com o "Lustre"). Contudo, como não podia deixar de ser, o mais amadurecido, se bem que o A. use ainda alguns truques empregados não se fica sabendo bem o porque, qual a razão. São soluções que nos parecem um tanto falsas. Pois o autor com a capacidade que possui, não precisaria utilizar-se deles para tornar seu trabalho importante. Até pelo contrário.

(Cont. pág. 15)

# ACERCA DO CHAMADO MODERNISMO E DA SUA INCOMPRENSÃO

Por Manuel Pinto

É quase já lugar comum isto de se dizer que a vida não constitui uma unidade estática, mas, pelo contrário, uma unidade em permanente movimento e transformação. Reconheceu-o pelo menos, há centenas de anos, o filósofo Eclesiano, Heraclito, ao afirmar, entre outras coisas, que não poderemos banhar duas vezes o nosso corpo na mesma água dum rio.

Não obstante, há muito ainda hoje quem o não quele a reconhecer e se comporte, portanto, perante todo o movimento transformador do existente, como se ele outra coisa não representasse mais do que crise esporádica porção de todo o organismo vivo e que, por conseguinte, um tratamento adequado sempre acabará por vencer e debelar. Estes são os obstinados de sempre — voluntariamente cegos e voluntariamente surdos, e que tendo por divisa o "nihil novi sub sole" do Eclesiastes, no seu máis sentido literal, quixotescamente se batem na carunchosa barricada das suas idéias feitas, superadas...

Vem isto a propósito da não aceitação, por parte de tais indivíduos, das formas novas de expressão artística, resultantes da revolução estética que se vem processando desde o impressionismo, em França, no terceiro quartel do século passado, até aos nossos dias, através do escandaloso mas fecundante futurismo, agressivamente gritado pelo poeta italiano Marinetti, nos seus célebres manifestos de 1909 a 1912 e, ainda, e sobretudo do fauvismo, do cubismo, do dadaísmo e do suprealismo.

Com efeito, apesar deste belo movimento de rebeldia contra um formalismo rançoso e fático, artificioso e convencional constrangido da inspiração do verdadeiro artista se haver afirmado por algumas criações de real valor concebidas à sua sombra, persistem todavia esses tais em se manterem paquidêrmicamente impermeáveis, proclamando com pasmosa suficiência, que nada afinal sobreviverá, tudo acabando por ser lançado no limbo, por outra coisa não ser mais, no fundo, do que uma manifestação de loucura, de impotência e cabotinismo.

Dai a pimponice, o deslante com que se permitem subestimar e até achincalhar todas as criações da nova estética — seja pintura, arquitectura, música ou poesia — não suspirando, sequer, os pobres, quanto é triste o espectáculo que dão àqueles que, por mais despertos e conscientes do seu tempo, têm a felicidade de profundamente sentir e de verdadeiramente compreender essas criações, em cuja génese estão, ou começam a estar subjacentes, as mais fundas angústias, as mais veementes anseios e íntimas esperanças, próprias desta época de perturbante tumulto e marcada transição.

Arte, portanto, de paroxismos psíquicos e paroxismos sociais, ela não podia, como bem se compreende, realizar-se por via daqueles mesmos moldes que chegaram a sobrar em tempos mais repousados. Dai que se tenha rompido com eles e procurado outros mais consentâneos (mas não definitivos), e se haja salutarmente proclamado que o artista deverá exprimir-se com a maior liberdade, isto é, sem a antecipada subordinação a esta ou àquela regra, a este ou àquela cânone — mas tão somente àquela ou àqueles que, segundo a sua escolha ou concepção, melhor quadrem à sua maneira íntima, específica, de ser artista e, ainda, às preocupações que porventura forem mais prementes e dominantes no tempo em que o é. E isto porque o que a ele, como tal, acima de tudo importa e vale, é o comunicar a sua mensagem — particularidade pela qual se distingue dos outros homens que, podendo sentir tanto ou mais do que ele, carecem todavia da capacidade de se exprimirem artisticamente.

A uma arte, portanto, de servil imitação e escravidão a moldes preestabelecidos, sucedeu uma arte em que forma e fundo, na arbitrária distinção, deverão surgir da alma do artista como um todo orgânico fundido na chama ardente da emoção criadora. E isto somente o conseguirá, está bom de ver, um verdadeiro artista e nunca um fazedor habilidoso, ou até mesmo talentoso, disto ou daquilo.

É no entanto evidente que a criação artística, mesmo para os que são verdadeiramente artistas, e mais ainda para esses do que para os outros, exige prévia aprendizagem dum certo número de normas e princípios básicos, específicos, que sempre necessariamente enformam cada uma das modalidades da arte. Assim, se se sente vocação de escritor, terá que se aprender a escrever, estudando gramática, estilística, etc. Mas, bem entendido, esta aprendizagem outra coisa não deverá visar senão dar ao artista a posse da destreza no manejo dos elementos que entram forçosamente na composição de toda a obra de arte — e nunca sujeitá-lo ou escravizá-lo a uma certa fórmula, a um certo molde, sem-

# CÁOS

Roldão Guimarães

**Madrugada**  
povoada  
de longínquas trovoadas...

**Noite** assim:  
ruas feitas de espelho derretido  
são sombras,  
são vultos,  
são vozes,  
é dança neurastênica de reflexos,  
é lama das sargetas carimbando,  
no celulósido negativo do asfalto,  
as cinematográficas impressões digitais  
do mundo de pernas pro ar  
e traçando, em linhas paralelas,  
o timbre dos pneumáticos  
— sangue coagulado,  
— leucócito queimado  
do amazense que nasceu no Ceará.

**A chuva miúda**  
estala na vidraça molhada do asfalto  
e o vento levanta do chão  
a gaze gelada — garoa artificial,  
— véu de noiva (imitação).

**Gola da capa encharcada junto à aba do chapéu,**  
e, abrindo-se a pálebra esquerda,  
no sexto andar do arranha-céu,  
desenha-se o meio corpo afrodisíaco,  
mal escondido pela epiderme de cetim.

**Agora, é o antropófago esnecho do Desejo,**  
naturalmente de monólculo assentado,  
esfregando as mãos (para esquentar, é claro)  
na expectativa da carne iminente.

**E, na ilha térmica dos agasalhos,**  
a tendência para o continente...

**A invenção cômoda e ainda indiscreta**  
das campanhas sonoras.  
O outro condomínio levanta a orelha.  
A capa,  
o chapéu,  
as galoébas,  
vão secar lá no banheiro,  
enquanto se fecha a pálebra  
do sexto andar do arranha-céu...

**Vazia,**  
**Monótona,**  
**abandonada,**  
— a madrugada  
se consola em ser apenas povoada  
de remotas gargalhadas...

(S. Paulo)

pre o mesmo, só porque a seu favor tem, porventura, a força dum hábito ou a força duma tradição, por mais bela e respeitável que ela seja. Quer dizer, o artista uma vez de posse daquela destreza no manejo dos elementos constitutivos da sua arte, imprimirá depois livremente às suas criações a forma que, segundo os impulsos da sua inspiração criadora, tiver que imprimir.

Isto significa, em última análise, que o artista precisa apenas de aprender a servir-se das suas asas, para depois voar com elas segundo o seu, e só o seu, modo de voar com elas.

E isto foi, sem dúvida, entre outras, a grande e fecunda conquista do movimento de renovação estética, comumente designado por modernismo ainda que, valha a verdade, com bem pouca ou nenhuma propriedade — porque sempre tem sido moderna a arte que exprime a atualidade do seu, isto é, a transitoriedade dialéctica do ontem para o amanhã, do que foi para o que deve ser, do passado enfim para o futuro. Movimento eterno, permanente, incoercível, este, que os testacudos "botas-de-elástico", por mais que bramem e se encrespem, nunca lograrão fazer parar, por ser a expressão duma lei irrevogável da vida — a evolução — que sempre acabará, com o tempo, por os vencer e esmagar...

Por isto, quer eles queiram quer não, a uma arte de quase decalque e representação exata da realidade, está sucedendo uma arte de aprofundamento e interpretação dessa mesma realidade e, portanto, a captação do que nela há de mais íntimo e essencial, atinente a um sentido verdadeiramente humano, atuante e transformador.

(Algarve — Portugal).

## O PRAZER DE ROMPER

(Cont. pág. 7)

Branca: — Rompemos do modo mais perfeito.  
Maurício: — Damos o exemplo da ruptura ideal. Oh! Branca, podes ficar certa que se alguma vez alguém disser mal de ti não serei eu.  
Branca: — De minha parte só te caluniarei si me fôr necessário... (senta-se à direita e Maurício à esquerda da mesa). Queres devolver o meu retrato?  
Maurício: — Tenho-o guardado.  
Branca: — Seria melhor que tu me devolvesse ou o rasgasses do que jogá-lo no fundo duma mala.  
Maurício: — Cabe-me guardá-lo. Direi: é um retrato de atriz que era admirável em uma peça a que assisti.  
Branca: — E minhas cartas?  
Maurício: — Tuas duas ou tres cartas frias de cliente a fornecedor...  
Branca: — Detesto escrever.  
Maurício: — Eu as guardo também. Elas me defenderão se fôr preciso.  
Branca: — Não te enveres e vamos conversar tranquilamente do teu casamento. Viste a pequena, hoje?  
Maurício: — Apenas cinco minutos. Ela está tão ocupada com o enxoval! E o grande dia se aproxima.  
Branca: — Ela gosta das coisas bonitas?  
Maurício: — Gosta quando são bem caras.  
Branca: — Diz a ela que o azul é a cor das louras. Eu tenho uma gravura de modas muito bem feita e que te emprestarei. Ela tem gosto?  
Maurício: — Tem o gosto da moda.  
Branca: — Tu deves assustá-la.  
Maurício: — Eu o espero.  
Branca: — Qual é na tua presença a atitude dela, o porte, quais são as suas maneiras?  
Maurício: — As de uma cadeira coberta debaixo da capa.  
Branca: — Falando sério, tu a achas bonita?  
Maurício: — És tu que és bonita.  
Branca: — É dela que eu estou falando. Tu a achas bonita?  
Maurício: — Bonita e fresca como o título: "A Primavera".  
Branca: — Enfim, ela te agrada?... Oh! Tu não precisas preocupar-te comigo.  
Maurício: — Ela me desagrada cada vez menos.  
Branca: — Lembra-te que fui eu que te indiquei.  
Maurício: — A pista era boa.  
Branca (cortando um livro): — Eu disse me felicito. Ela tem caprichos? (Maurício distraído não responde mais. Branca toca-lhe no braço) Que é que tu estás olhando?  
Maurício: — Estou enchendo os olhos. Faço provisão de recordações. Todas estas flores dão a teu salãozinho um aspecto de festa.  
Branca: — Ela tem caprichos, preferências?  
Maurício: — Ela gosta de tudo que eu gosto.  
Branca: — Será cómodo.  
Maurício: — Nós não temos necessidades de cozinhar duas vezes.  
Branca: — Estás com espirito esta noite.  
Maurício: — É a peça final do meu último fôgo de artificio.  
Branca: — E tu não te constranges de falar assim de uma moça que será tua mulher.  
Maurício: — Cabe a ti repreender-me? Sabes muito bem que falo neste tom em parte para ser agradável.  
Branca: — Não nos enteneçamos.  
Maurício: — Eu não estou me entendendo. Estamos conversando familiarmente das nossas pequenas coisas e o Sr. Guireau mesmo poderia ouvir.  
Branca: — Vamos deixar o Sr. Guireau tranquilo. (Ergue-se, dá alguns passos lentamente).  
Maurício: — Por favor, querida, o teu casamento me interessa tanto quanto o meu; não quero parecer mais egolista que tu, e desde que o meu futuro te preocupa não tem importância que eu me inquiete pelo teu. Nós nos completamos mutuamente.  
Branca: — Sim. Mas falemos de outra coisa. (Senta-se à esquerda da lareira).  
Maurício: — Absolutamente! Absolutamente! Estou te informando a respeito de minha futura mulher, exijo ser informado sobre teu futuro marido. Sinao eu poderia pensar que tens intenções ocultas. Esta inquietação recíproca é a melhor prova de nossa boa fé. Não só não

tenho nenhuma razão de ter ciúmes do Sr. Guireau, mas desejaria até conhecê-lo. Só o conheço de vista, produziu-me excelente impressão. Ele vem ver-te muitas vezes?

Branca: — Uma vez por quinzena, regularmente.  
Maurício: — Bom sinal! É um homem metódico e bem comportado. Como é que ele se chama?

Branca: — Guireau.

Maurício: — Seu nome de batismo?

Branca: — Na sua idade não se tem nome de batismo.

Maurício: — Mas como é que tu o chamas?

Branca: — Eu o chamo Sr. Guireau.

Maurício: — Sempre?

Branca: — Sim, sempre. Queres acabar de brincar de delegado de polícia?

Maurício: — Isto me diverte. Tu bem podes deixar que eu me divirta um pouco.

Branca: — A tua vontade.

Maurício: — E o que é que vocês fazem?

Branca: — Que queres tu que se faça?

Maurício: — Ele só te beija a ponta dos dedos?

Branca: — Apenas. Conversamos. Ele conversa bem.

Dá-me conselhos, previne-me contra más companhias. Além disso é um músico de primeira ordem e, algumas vezes, traz seu violino. (Maurício procura com os olhos)... Ele o leva consigo.

Maurício: — E depois, quando a conversa vai caindo e a música se cala?

Branca: — Estás indo muito longe. (Levanta-se.)

Tenho o direito de não responder mais.

Maurício: — Preferes que eu adivinhe?

Branca: — Adivinhar o que? Tu pensas muito de

pressa... Há outras coisas na vida e, de hoje em diante, quero ser séria e prática. Oh! Isto não me custará quase. Amei o meu bocado, posso renunciar ao amor.

Maurício: — Oh! Oh!

Branca: — É sim. Aliás o Sr. Guireau sabe se conter. É um amigo paternal que me ama por mim, não por ele e fica sabendo, ele me inspira uma simpatia durável e de que se contenta. (Senta-se no tamborete).

Maurício: — És um adorador frugal.

Branca: — Tive sorte. Os homens bem educados tornam-se raros. O Sr. Guireau conserva as maneiras do século XVIII. Ele me avisa de suas visitas com dois dias de antecedência.

Maurício: — E ele não te dirige uma única palavra mais inflamada que as outras?

Branca: — Tu te admiras que ele me respeite? Certo de viver na companhia de uma mulher nada desagradável, que lhe mostrará a cara alegre, escutará com complacência, cuidará da casa, receberá seus amigos, tratará dele e não o aborrecerá nunca, o Sr. Guireau não me pede nem eu lhe prometo mais.

Maurício: (Sopesando o pequeno pacote) — E se ele souber do nosso passado?

Branca: — Não deixará isto transparecer...

Maurício: (Ergue-se) — Que homem direito! Ele acaba bem, eu, também, acabo bem e tu, igualmente, acabas bem. Três pessoas acabam de um só golpe. É uma catástrofe.

Branca: — Sem vítima.

Maurício: — Ainda uma pergunta. Mas faça-a para mim como se faz a uma menininha:

De quem é que tu gostas mais, do teu papai ou de tua mamãe? (Com gravidade). Se eu te pedisse, tu renunciarias ao Sr. Guireau?

Branca: — Acho que, no ponto em que nos encontramos, esta pergunta não tem sentido nenhum.

Maurício: — (Senta-se em frente a Branca). Uma vez que eu faço a pergunta para mim, responde rindo.

Branca: — Deves te lembrar que uma noite, muito excitado, tu me pediste para casar contigo, para partir contigo, para viver em uma cabana de cantoneiro, com o pão de cada dia, e de ir para a Algéria onde a vida é tão barata! Que foi que eu te respondi?

Maurício: — (Muito lentamente) — Que a miséria te assustava, que o pão seco te repugnava, ainda mesmo feito em casa, que tinhas horror a mudanças, que te faltava gênio colonizador e que nada sabias fazer com os dez dedos senão carícias. Foi isso que me respondeste.

Branca: — Guardaste tudo isso tanto tempo. É tudo?

Maurício: — É tudo. (Branca ergue-se e vai até a lareira). Para quando é o casamento?

Branca: — Qual?

Maurício: — O teu.

Branca: — Oh! Nada nos apressa.

(Cont. pág. 16)

## EM FLORIANÓPOLIS O DIRETOR E O INTÉRPRETE DE "FAUSTO" E "HAMLET"

O Círculo de Arte Moderna, pelo seu Teatro Experimental, teve o prazer de conviver por alguns dias, com duas figuras de renome mundial no que concerne a arte teatral. Nos referimos aos srs. dr. Wolfgang Hoffmann Harnisch e seu filho o prof. Wolfgang Hoffmann Harnisch Júnior.

Logo que chegaram a Florianópolis, a fim de tratarem com as nossas autoridades o patrocínio à peça "FAUSTO" de Goethe como parte dos festejos comemorativos do bi-centenário do nascimento do grande poeta alemão, até suas partidas para Porto Alegre e o interior do nosso Estado, aonde iam com igual objetivo, estivemos em contacto directo com essas duas personalidades, trocando idéias e adquirindo ensinamentos, ensinamentos estes que nos foram além de uma contribuição, um incentivo aos nossos empreendimentos.

O dr. Hoffmann Harnisch, antigo diretor do "Teatro de Ópera do Estado de Berlim", autor de vários livros, entre eles, Lord Clive o conquistador da Índia e alguns de caráter histórico como "O Brasil que vi", que foi o primeiro diretor de teatro a apresentar no Brasil o "HAMLET" em português, e, que é o atual Professor do Seminário de Arte Dramática do Rio, fez, a convite do "TEATRO EXPERIMENTAL DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA" uma pequena conferência prática sobre de como se deve proceder para se encenar uma peça, e os problemas do teatro e mgeral. Sua conferência agradou-nos muito, pois, aprendemos bastante. Falou-nos, ele, entre outras coisas, do movimento teatral brasileiro e, deste grande empreendedor que é Paschoal Carlos Magno. Textualmente, foram seguintes as palavras do dr. Harnisch: "Paschoal Carlos Magno é um dos homens mais extraordinários que encontrei no mundo inteiro. Nenhum dos países europeus, no seu respectivo meio teatral, tem uma figura igual a ele em dinamismo, força de realização e conhecimento do homem. Para mim, o encontro com ele foi decisivo. Sem sua ajuda moral nunca teria voltado ao teatro, pois, já deixei completamente tódá a esperança de realizar alguma coisa de sucesso aqui no Brasil. Trabalhava só como escritor, escrevendo um livro filosófico do qual já me ocupo há muitos anos; mas, o "choque" com ele jogou-me novamente no teatro e, ele e eu fizemos o sucesso de "HAMLET".

Após a conferência do dr. Hoffmann, o sr. Jason Cesar, do nosso Teatro Experimental, declamou trechos de "HAMLET" sendo bastante aplaudido. Para encerrar a esplêndida noite, o professor Wolfgang Hoffmann Harnisch Júnior, declamou uma das cenas iniciais do "FAUSTO" e o monólogo "To be or not to be", em alemão e inglês, respectivamente; dando-nos assim, oportunidade de ver o notável ator que é.

Esperamos, agora, o retorno dos dois amigos que fizemos, o que se dará em setembro, quando virão a Florianópolis, Blumenau e Joinville, para representarem "FAUSTO" de Goethe, em espetáculos bilingues, sendo explicado todo o desenvolvimento da peça em português, interpretadas as principais cenas em português e toda a peça no original. Para isso formou o dr. Harnisch uma companhia teatral, dirigida por ele, tendo como intérpretes artistas brasileiros e alemães, entre eles seu filho que fará o papel — título da obra prima de Goethe.

Queremos agradecer, juntamente com os dois artistas que nos visitaram, aos srs. dr. José Boabaid, governador do Estado; ao dr. Elpidio Barbosa, diretor do Departamento de Educação, ao dr. Armando Simone Pereira, Secretário da Justiça, Educação e Saúde; e ao sr. Sálvio de Oliveira, Técnico do Departamento de Educação, a acolhida dispensada aos ilustres visitantes; e, agora que o sr. Governador do Estado se comprometeu a patrocinar os espetáculos comemorativos do bi centenário do nascimento de Goethe, só nos resta esperar que Setembro chegue depressa.

Archibaldo Cabral Neves

### O Dr. Hoffman Harnisch e filho em "Fausto de Goethe"



## TEATRO EXPERIMENTAL

— DO —

C. A. M.

Dia 27 de maio, às 20 horas, no Teatro  
Alvaro de Carvalho

— C A N D I D A —

Três atos de G. B. Shaw com:

Eglê Malheiros  
Jason Cesar  
Ody Fraga e Silva  
Judith Wendhausen  
Elio Ballstaedt  
Walmor C. Silva

Direção:  
Ody Fraga e Silva

CENÁRIO:  
Walter Wendhausen

CONTRA-REGRA  
Armando S. Carreirão

ESTA PEÇA SERÁ REPRESENTADA  
— SEM PONTO —

AGUARDEM!

Edições "SUL"

- 1 — Antologia Poética dos novos de Santa Catarina:  
Eglê Malheiros, Walmor C. da Silva, Aníbal Nunes Pires e outros.
- 2 — Encontro — contos de Salim Miguel.
- 3 — Teatro — Peças em 1 ato de Ody Fraga e Silva.

## ENTERRO DE CRIANÇA

Antônio da Silva Filho

Os ciprestes tocam a sinfonia do destino,  
Sheios de seiva, na manhã triste.  
Pavana das folhas de outono,  
Pelos caminhos da necropole.

Sob a luz crua do sol passam as crianças  
Carregando o caixãozinho branco,  
As flores de papel...  
Cortejo lento...  
Soluços...  
Os pézinhos pobres levantando a poeira...

Os homens máus cavam a terra...  
— "Eu não quero ser enterrado mamãe...  
A terra é fria, pesada,  
Entra nos olhos, na boca...  
E as formigas..."

Pavana para a criança morta...  
— "Ele nunca mais brincará...  
Nunca mais... nunca mais..."

A sinfonia do ciprestal chega ao auge,  
Na manhã abarrotada de sol.

Porto Alegre.

# A EXPOSIÇÃO DE MOACIR FERNANDES

MOACIR FERNANDES — NÓRDIA DE LUNA FREIRE

Archibaldo Cabral Neves

Depois de ter trabalhado na sua escultura "INVOCAÇÃO" e com a qual concorreu ao prêmio de viagem a Europa no 53º salão de Belas Artes, veio Moacir a Florianópolis rever sua terra e seus amigos.

Durante os dois meses que aqui ficou, improvisou ele um pequeno atelier que passou a ser um ponto de reunião onde conversávamos, trocávamos impressões e idéias e, entre uma experiência e outra, contava-nos ele alguma coisa sobre o movimento artístico do Rio, algo do que não conseguíramos ler nos jornais.

Nós, que tivemos a oportunidade de assistir as suas tentativas artísticas, podemos dizer que a exposição do Instituto Brasil-Estados Unidos (uma espaçosa sala cedida por sua diretoria) não foi uma decepção. Por certo que havia uns desenhos fracos, não se deixando, porém de encontrar desenhos bastantes bons, como são exemplos PETRUCHKA e MENINO TRISTE.

Como sempre acontece numa exposição da chamada Arte Moderna, surgiram as opiniões mais diversas sobre os trabalhos expostos; muitos dos que lá compareceram apenas pegavam o catálogo, davam uma "voltinha" pela sala, passavam os olhos pelos desenhos e esculturas expostas e saíam dizendo: "não entendi" ou, o que era mais freqüente, que não prestava, expressando suas opiniões com ares doutorais, como se elas fossem pesar na concepção dos artistas que expunham (Moacir pela 2ª vez e Nórdia, a convite dele, pela primeira).

Muitos conheciam ao Moacir Acadêmico, quando aluno da Escola Nacional de Belas Artes e que ao vir a Florianópolis passar suas férias, aqui fazia suas primeiras cabeças e os seus "estudos" em desenho. Estes não podem compreender a procura do artista em libertar-se e "decepcionaram-se" com a exposição do escultor conterráneo; não compreenderam, também, que todo artista deve procurar realizar alguma coisa, não simplesmente copiar a natureza (para isto a kodak tem boas máquinas fotográficas), ou objetos ou pessoas ou todas as coisas enfim, pois tudo serve para o artista, mas, personalizá-la, isto é, pô-la num quadro assim como ele a vê, de modo que, ao olharmos determinado quadro com sentimento e a obra for artística, não precisaremos de palavras, para entendê-la, os olhos bastam; arte não se interpreta ou se decifra, arte sente-se, nada mais.

Desde que alguma coisa existe, copiar esta coisa é apenas questão de treino e ter o que chamamos "quêda" para o desenho, não denota mérito algum; do mesmo modo como não achamos que seja artista o que copia uma página de um autor e põe-lhe por baixo seu nome, jamais poderemos aceitar como arte uma cópia "fiel" e "real" da natureza. Copiar não é arte, arte é criar, tirar de si alguma coisa, fazer das suas aspirações, das suas angústias e de seus pendores artísticos uma mensagem a todos os homens de boa vontade.

Claro está, que o artista da Arte Contemporânea (ARTE MODERNA como a chamam uns) não nasce feito, ele faz-se; faz os seus estudos, copia a natureza e, aos poucos vai abandonando as normas clássicas expressando com sua arte a sua época. Tendo sempre contacto com os artistas que o precederam, bem como com as outras artes (música, teatro, poesia, dança, cinema) logo terá um caminho seu, se for bastante artista, permanecerá, pois, para a Arte não existe época. Da Vinci, Rafael, Giotto, Fra Angélico, Van Dyck, Durer, Rubens, Mi-

guel Angelo, Murillo, Velasquez, Rembrandt, Veronese, Watteau jamais serão esquecidos ou seus méritos negados, expressaram sua época com a sua arte, do mesmo modo, jamais podemos negar um Van Gogh, um Picabia, um Picasso, um Portinari, a arte contemporânea, enfim. Aos tolos e ingenuos que chegam a escrever artigos para combaterem a Arte Moderna, sem nunca terem lido sobre o assunto, sendo que, muitos dentre eles só ouve falar em Arte quando há uma exposição, dá-nos pena suas "inteligências". Nunca ouviram falar de Cézanne, Degas, Corot, Ingres, Monet, Manet, Matisse, Braque, Rouault, Pissarro, Chagall, Metzinger, — para eles são apenas nomes que agora leem pela primeira vez — a não ser em notícias sensacionalistas de jornal. Sempre existirão os analfabetos em arte.

Mas, escrevamos sobre a exposição de Moacir Fernandes. O artista aos poucos vai-se realizando, tem ten-



Diplomanda



O jovem escultor  
Moacir Fernandes

ciências para ser um bom escultor moderno, e prova disso são as 15 esculturas por ele expostas, onde se pode ter uma idéia do seu desenvolvimento artístico. Sua exposição constou ainda de 80 desenhos e um quadro a óleo. Se bem que dissesse na apresentação que fiz da sua exposição que eram os trabalhos expostos "todos perfeitamente artísticos" mais que óbvio, não quis dizer que eram obras-primas; mas, que eram trabalhos executados pelo artista com sinceridade, não querendo ele com seus trabalhos, senão mostrar o que realmente sentia. Talvez devesse ter escrito "todos perfeitamente sinceros" mas, confio na inteligência das pessoas, de algumas pelo menos.

Dentre os desenhos expostos gostamos de "MENINO TRISTE" — poucos traços mas, em esta toda a tristeza de quem vai conhecendo o mundo, todos os traços são necessários ao desenho, não há nada de supérfluo, na nossa opinião, nessa pequena obra-prima — "PETRUCHKA" (boneca) com as cores muito bem jogadas e com aquele brilho nos olhos, "NOVICIANDO", "MENINO Nº 2", "JESUS ADOLESCENTE" e alguns dos seus Cristos, são desenhos que exprimem bastante sentimento, não se podendo ficar impassível ante a dor que um exprime ou a bondade de outro. Seus tipos de rua foram postos no papel com bastante felicidade dando-lhes Moacir uma personalidade própria: seus ballets nºs. 3, 4, 5, e 6, onde temos uma perfeita noção de movimento, "RAPAZ LENDO" e "BEETHOVEN Nº 1" são com os outros trabalhos citados, os melhores da exposição. Os poucos trabalhos que achamos fracos, em nada desmerecem o mérito que realmente possui Moacir Fernandes. Podemos, por exemplo, destacar o único óleo exposto pelo jovem artista; a sua "CABEÇA DE CRISTO". O quadro em questão mostra a Cristo como Ele realmente o foi, com a sua dor angustiada e o seu eterno sofrimento. A maioria não gostou, não achou parecido...

Embora seus desenhos em nada lhe diminuam o valor artístico que possui, o verdadeiro caminho de Moacir é a escultura. Das expostas, quatro chamou-nos particular atenção; "JESUS CRISTO" (gesso) o eterno modelo do artista, "NOVIÇA" (gesso) com a sua caridade velada, com uma bondade sem artifícios; sem a expansibilidade que nos caracteriza, é "NOVIÇA" juntamente com seu "ESTUDO" (gesso) e "EXPRESSION" (bronze), um bom passaporte para Moacir.

Nós que acompanhamos todo o trabalho do artista podemos dizer que se ele persistir lutando com sinceridade pela sua arte de muito será capaz. Sua criação dele depende.

Juntamente com Moacir Fernandes, conforme escrevemos acima, expôs a pintora Nórdia de Luna Freire que cursa o último ano da E. N. B. A. Nórdia é muito jovem ainda, tem, porém, todo o sentimento e vontade necessários a uma artista. Seus retratos (os primeiros posados) denotam uma boa harmonia de linhas, principalmente o de A. R. onde as expressões foram muito bem captadas. Sua paisagem nº 2 é um bom óleo, o tom cinzento empregado por ela, os troncos das árvores, a estrada perdendo-se no horizonte, tudo isto dá-nos uma perfeita impressão do vago, do infinito, da amplitude. É um dos bons trabalhos da exposição.

Pelo que podemos observar em Nórdia, por suas idéias, seu modo de ver a arte, suas concepções em geral, faz-nos escrever que Nórdia de Luna Freire não será, no futuro, um nome desconhecido para o interessado nas Artes Plásticas do país.



Em 1748 Goldoni lança a sua famosa "La donna di Garbo", que concretiza o seu trabalho em combate à comédia de arte. "La donna di Garbo", uma de suas principais obras e mundialmente famosa, anula, completamente, o improviso.

É interessante notar a luta que teve de manter Goldoni com seus atores, viciados pela comédia de arte, a ajustarem-se a nova forma de teatro que ele exigia, limitarem-se na representação ao texto do papel que representavam, o qual já estava totalmente escrito.

Carlo Goldoni lança-se em sua obra de reforma do teatro e vai compondo suas comédias com uma fertilidade e multiplicidade espantosas. Apesar de algumas terem sido escritas deveras rapidamente, elas mantêm sempre originalidade e são laboradas com uma graça encantadora. Na "Vedova Scattra" ele dá mais um passo em sua reforma, anulando desta vez as máscaras e passando a criar os tipos múltiplos, sem a padronização.

Goldoni escreve dentro do seu magnífico trabalho, onze peças em dialeto veneziano, entre elas está a "Putta onorata". Suas comédias, imensamente divertidas, sempre punham em ridículo os costumes e o ambiente que criticavam.

Goldoni foi para Paris, onde faleceu, dirigindo o teatro italiano de Luiz XIV, escrevendo uma peça em francês, e as suas memórias, obra esta bastante famosa, onde está relatada sua obra e a reforma que realizou na cena italiana.

Infelizmente não podemos estender e apurar este estudo como era nosso desejo, ficando, dentro daquilo que tratamos, muito generalizadamente, mas não podia ser de outra forma. Goldoni escreveu cerca de duzentas e cinquenta peças, inúmeras delas de grande destaque, como as citadas, "La locandera", "La donna di testa debole", etc.

Antes de terminar, algumas palavras sobre as representações de Goldoni no Brasil. Pelo que estamos informados, só temos conhecimento de duas montagens de trabalhos de Goldoni. Uma foi realizada por Procópio Ferreira, "O Mentiroso", peça bastante jocosa, aliás Goldoni se presta muito para o público brasileiro.

O trabalho de Procópio Ferreira foi de uma mediocridade de diamante, dura a toda prova, mesmo com a maior boa vontade. A segunda peça de Goldoni representada no Brasil é "Arlequin, servo de dois anos", numa realização do "Teatro dos doze". Enviamos daqui nossas simpatias à importante realização de Sérgio Cardoso e aguardamos os resultados do seu importante trabalho.

#### SESSÃO CINEMATOGRAFICA NO I. B. E. U.

No dia 22 de Março, após termos nos entendido com o sr. Eurico Hesterno, secretário de Instituto Brasil Estados-Unidos de Florianópolis, tivemos uma sessão cinematográfica especial para o Círculo de Arte Moderna.

Nove foram os filmes exibidos, todos de pequena metragem (duração de dez a quinze minutos), sendo, na maioria, filmes em que eram focalizados algumas personalidades musicais norte-americanas ou, lá radicadas. Assim, vimos dois filmes com execuções ao piano por José Iturbi em trechos de Albeniz, Chopin e Liszt; dois com os pianistas Vronski e Babiniski executando Rimsky-Korsakov, Borodine e Brahms, um focalizando e violencelista Emanuel.

Heurmann numa notável interpretação de Dvorak; um outro apresentando o Quarteto Coolidge executando Bethoven e, um terceiro com que um coro de meninos cantava músicas regionais dos Estados Unidos. Foram apresentadas também dois desenhos animados para relembrares os velhos tempos.

A. C. N.

Sua obra é escola de coragem e responsabilidade. Foi o que primeiro me impressionou. A responsabilidade intelectual que ele possui, nesse Brasil de improvisações. Estamos tão acostumados a nos impingirem a primeira excessividade mental que sai do cérebro de um privilegiado. Sem que ele pese se é verdadeiro ou não, bom e sincero. Que Mário de Andrade nos espanta agradavelmente. O artista é o que fala sobre arte têm um grave encargo. Não podem mistificar. Vender gato por lebre. Que não se rotule qualquer amontoado de palavras como arte. A obra de arte necessita sinceridade, talento, mas também artesanato. Trabalho dedicado e cansativo de fazer e retocar e refazer. O artista tem a responsabilidade valiosa no futuro. É trabalhar para o "hoje" e para o "sempre". Dupla e pesada tarefa. Que o imediato de sua obra não prejudique o cabedal de beleza eterna, e que esse valor perene não se torne jogo quase fútil, desprezando a contribuição para o dia que passa. O trabalho artístico deve ser consciente e pensado. Que o escritor erre, sim. Mas procurando corrigir, em busca de uma talvez lendária perfeição. Esse cuidado é diferente numa terra em que alguns produzem livros como uma coelha, coelhinhos.

Não é só a forma que Mário tortura. É também o conteúdo. A cristalina e sincero verdade do que é dito. Para agir assim é necessário coragem. Ele a teve. Desde a audácia arrasante de "Paulicéia Desvairada" até "Macunaíma", segundo erravés de seus ensaios e culminando, essa coragem, em seus rodapés anti-fascistas sobre música, que Oneyda Alverenga tão bem chamou de "sonora política".

Em tudo que ele escreve nós encontramos cultura. Estudo contínuo do erudito e do primitivo, conhecedor que foi da alma popular brasileira. Conhecia o Brasil em suas possibilidades e limitações, e a triste realidade deste Eldorado. Não pretendia escrever para um povo com 70% de analfabeta, para o qual o perfeitamente assimilável é o "folklorico". A sensibilidade artística popular precisava ser burilada. Estudou o "folklore" para melhor compreender o povo e para dar seiva nova à sua arte. Não se acusa de ter escrito um pouco "difícil". Mas sim de não ter trabalhado bastante para modificar o "status quo". Dizendo a todos que leem, e afirmam raciocinar, qual a verdade. Se acusa de não ter participado. Em função mesmo da arte era necessário que os homens tivessem melhor vida. Pois o artista, que anda adiante de sua época só é compreendido onde existe cultura. Era preciso uma ampla e profunda divulgação artística. Ele tinha porém a triste certeza de que tal não se daria, nem os brasileiros comprariam livros, músicas e quadros enquanto não pudessem ao menos adquirir um par de sapatos.

É Mário que chamava os outros de "mermão" achou que não dera bastante pelo povo. E numa fase angustiada do mundo que ele mais do que nunca se convulsiona. O que era "trezentos e cinquenta" diz que está acabado. Mas mesmo assim continua porque a humanidade não está acabada. Morre pertinho da vitória. 25-2-45. Próximo si próprio.

Veio o silêncio. Silêncio que deixou de ser respeito para ser esquecimento. Seus defeitos foram muitos. Mas seu valor maior. Porque calar?

Os poetas órficos mexeram em todo o 22. Silenciaram Mário de Andrade. Respeito aos mortos, ou vontade de esquecer? Nós não defende sem importância, mesmo que maldizendo, Mário não é incidente na literatura brasileira. É MÁRIO DE ANDRADE.

O 25 de fevereiro transcorreu no maior sigilo. Muita gente que se alimenta ainda da parcela de esforço de Mário, calou. Numa terra digna de uma lembrança. Estranhamos. Nós que nos julgamos um pouco fantasmagórico, prá muita gente. Ele deve hoje seriedade e coragem. Presente demais. Assim com sua responsabilidade armado, lutaria hoje pela paz, pela concórdia entre os povos. Não e da abjeção. Porisso ele faz falta. Falta na luta dos que, deixando de paz, para que nela os homens progredam e trabalhem felizes.

Faz falta para nós, os novos. Pela grande compreensão que tinha. Vendo no que surgia, não o rival, mas o continuador do que iniciara. Procurando apoiá-lo, através de crítica justa e refletida. Chegando, em seu cuidado, e as vezes a valorizar demais alguma figura mediana, porém nunca taxando de banal algum real valor.

É por tudo isso. Por o esquecerem, pela falta que faz, pela atualidade de suas palavras, que eu escrevo sobre ele, Mário de Andrade, meu grande amigo, desesperado de si e esperançado na humanidade.

Quarto número dezessete. Hospital Sta. Tereza. O corpo, estirado na cama, dias depois, tão doente ainda, esqueceu a freira, suas vestimentas, para só pensar na mulher, olhos profundos. Tenho vontade de rir! Acho graça do pavor, verdadeiro pavor que me dominava, só com a lembrança da figura de Irmã Vicência. A manhã inteira, sentindo-me outro passei assim: A imaginação agarrada aos ponteiros do relógio, levando para frente as horas, antecipando o momento em que irmã Vicência deveria trazer-me o remédio. Meus olhos acompanham o movimento daquelas vestes espectrais, completamente sem medo, ansiosos que elas venham debruçar-se sobre a cama, levantar-me a cabeça, uma das mãos espalmadas em meus cabelos, a outra empurrando-me pela garganta a colherada de xarope. Fingirei fraqueza excessiva, para que a pressão dos dedos em meus cabelos seja maior. Ensaiei um gesto de repulsa, evitando que ela perceba a transformação repentina. Sinto-me outro. Como tudo mudou.

Naquela tarde a angústia atingira ao máximo: O quarto todo fechado, não deixando entrar qualquer aragem. Muito calor. A barba cerrada irritando-me o rosto, suor escorrendo, Irmã Vicência chocando-se de encontro às paredes de meu cérebro. Desejo. Pavor. Olhos de Joana. Vestes pavorosas. Meu corpo freme. O tique-taque do relógio aumentando, transformando-se em barulho ensurdecedor, dominava o quarto, trazia o momento em que Irmã Vicência estaria presente. Tortura. Não queria. Queria. Dolorosamente, vejo-me a consciência do meu estado psicológico. Pavor. As horas se aproximavam... Enterrei a cabeça no travesseiro, febril, desesperado, e fiquei esperando, esperando... então lembrei-me, tudo numa sucessão rápida, as imagens misturadas, parecendo que surgiam todas ao mesmo tempo.

Vim correndo da rua, as calças novas que mamãe me vestira, para ir à doutrina sujas de barro, róta nos fundilhos. Já trazia inventada a desculpa: "Mamãe, a irmã Joaquina não foi dar doutrina hoje, então fui brincar no barranco, atrás da casa do Pedro e rasguei a calça.

— Onde está mamãe — perguntei à empregada, resolutamente.

— Na sala, conversando com irmã Joaquina. Parece que ela veio fazer queixa de ti. Pelo jeito que falou no teu nome.

Fugí para o quarto de mamãe, que também era o meu. Já fazia muitas quintas feiras que gaseava à doutrina. Eu não gostava de escutar irmã Joaquina falar de pecado, em inferno. Quando ia deitar, ficava com medo. Tudo aquilo aparecia. Mamãe era obrigada a deixar a luz acesa, até que eu dormisse. Mas nunca disse nada, que não gostava de doutrina, porque quando eu pedi: "Mamãe, quero a roupa nova, prá doutrina", ela me acariciava os cabelos e me dava um beijo. Agora ela ia descobrir. Eu ia apanhar. Só pregava mentira porque queria ganhar um beijo.

Escutei uns passos em direção ao quarto. Enterrei a cabeça no travesseiro, chorando, apavorado. Os passos se aproximavam, eu os sentia. Apertei mais a cabeça no travesseiro, esperando, esperando... Uma mão forte enlaçou meu corpo, obrigando-me a levantar o rosto. Vi mamãe; Irmã Joaquina, suas vestimentas negras, que me falou, como mamãe falava: "O menino de hoje em diante vai ser bonzinho. Muito bonzinho. Obedece aos mais velhos. Não vai faltar mais à doutrina, não. Desta vez a mamãe perdoo o filhinho". Me beijou na testa e me deixaram sózinho.

Quarto número dezessete. Hospital Sta. Tereza. O corpo estirado na cama impacientasse com a demora. Deseja ardentemente. O relógio anda muito devagar. Por fim, os ouvidos alertas percebem os passos ligeiros, macios, ruído quase imperceptível, já tão conhecido.

Ela acaba de entrar. Perguntou se estou me sentindo bem. Despeja agora o remédio na colher. É insupportável a espera. Ai está a mulher que o pavor estúpido, aquele estado que nunca pude explicar, nunca deixou descobrir: a mulher que sempre amei. Pronto! Vai dar-me o remédio... Foi quando encolhi-me na cama, o corpo hirto. Fugí. E de minha garganta saiu um grito que queria ser voz:

"Não mamãe!... não!... Não venha..."

A obra o é pelo que enumeramos e ainda pelo clima próprio, pela unidade, pelo estilo vivo e firme, e, acima de tudo pela contribuição tão valiosa que traz para o romance brasileiro num gênero tão difícil qual seja o romance psicológico, de análise.

## 2 — A luz da estrela morta

O romance do escritor Josué Montello, que analisa um caso de neurose, com mania de perseguição e morte, se desenvolve num estilo descosido, aparentemente sem unidade. Não tem um "clima" próprio, um tom só dele. Dá a impressão de que o autor, em certas passagens, ele mesmo se cansava da constante, do eterno semi-círculo de seu personagem e então tentava desafogar, partir para outro ângulo, conduzir a história assim como para um válvula de escape. Mas nem sempre o autor foi feliz nesse seu intento. Muitos de seus personagens não tem vida, não são de sangue e nervos, são meros bonecos. Outros que o autor pretende fazer de símbolos, se esfumam, não chegam até o leitor, permanecem longe, num receio mórbido de não sabemos que estranhas sombras.

Não há verdadeiramente, uma técnica do romance, porém mais uma busca que nem sempre é das mais felizes.

A linguagem em geral é boa, tentando por descobertas novas, certas expressões fortes e características. Mas de longe em longe expressões como "pelo sol canicular da tarde", "que arrastaria seu nome à rua da amargura" e mais outras se nos quiséssemos alongar, dão um tom falso, de folhetim. E que são expressões já por demais batidas, gastas, verdadeiras chavões e que por isto mesmo nada mais dizem, a mente se fixa na imagem que eles já insinuaram, ou melhor, formaram, impedindo toda procura, toda busca, o cérebro se recebe mas já acostumado, não mais se põe a procurar, a analisar; dão uma impressão de banal vazio. Seus diálogos não são nada bons, pecam pela falta de naturalidade, são artificiais; bons, ao contrário, muito bons mesmo são os monólogos.

O drama do A é quase um complexo de Édipo: ao nascer Eduardo, morre-lhe a mãe e o pai enlouquece. Daí advindo tudo, todo o drama íntimo. O romance é denso com um profundo sentido de tragédia. É no gênero, negavelmente, das melhores coisas que tem surgido no Brasil. É um dos poucos livros desses últimos anos que traz verdadeiramente uma contribuição própria ao romance do Brasil. Somente a encontramos também n' "O Lustre" e "Repouso". Talvez ainda, porém em muito menor escala em "Presença de Anita".

Julgamos que o A devia ter depurado mais seu romance, livrando-o de algumas passagens que nos fazem perder o seguimento, nos atiram para longe da história, numa posição um tanto falsa — ainda que no conjunto a trama seja verossímil, tenha uma unidade que não é unidade de "clima", mas unidade de linguagem, unidade de trabalho psicológico do personagem. Quase diríamos unidade de estilo. Quase.

Certas repetições que querem apresentar a constante do tema, também não estão bem distribuídas, cansam. As "coisas" acontecem muito repentinamente, as "coincidências" são muitas.

Sem dúvidas que em mãos menos hábeis o romance teria desabado lamentavelmente. Assim como... Mas assim é uma promessa de que o A poderá vir a ser uma das figuras mais importantes da atual literatura brasileira.

Outra coisa: Excesso de "mais que perfeito" andara, mexera, fóra, tivêra, etc. prejudica o andamento da história, não deixa a mente se pôr nos personagens, se concentrar, sempre teimando "ara, ara, ara".

Porém verdadeiramente, existirão personagens? O que importa é a maneira como o A desenvolve o tema, as idéias que ele apresenta, e a importância do livro na moderna novelística brasileira, pelas experiências que contém, pela tentativa que apresenta no sentido estético.

# O PRAZER DE ROMPER

(Cont. pág. 10)

Maurício: — Em teu lugar eu marcaria uma data, por prudência.

Branca: — Está marcada para o ano que vem.

Maurício: — Precisas de um inverno para arejar o teu coração? Não estás certa. (Ergue-se e vai até a lareira, passando em redor da mesa). Uma vez que se decidiu pelo casamento deve-se logo enfiar a cabeça dentro d'êlo, como eu. (Estão encostados a lareira, Branca à esquerda, Maurício à direita).

Branca: — O ideal seria se nos casássemos ambos no mesmo dia.

Maurício: — Por que não? Conclue-se do meu inquérito que eu gosto muito do Sr. Guireau.

Branca: — Por sua vez, êle te apreciaria.

Maurício: — Seria interessante nos expormos, nos confrontarmos.

Branca: — Eu não procuraria a ocasião para isto, mas não a evitarei. O sr. Guireau conhece a vida.

Maurício: — E como a mãe de minha noiva. Ela também conhece a vida. Ela compreende que eu tenha tido amantes, que eu tenha sido posto à prova de fogo, e lhe basta que eu rompa ao menos na véspera do casamento.

Branca: — Tanto peor se sua filha é ciumenta do passado.

Maurício: — A mãe lhe explicaria que aquilo não se pode ter como igual.

Branca: — É uma mulher superior.

Maurício: — É uma mulher de bom senso, simples e alegre, muito alegre. Ela casaria a filha todos os dias. (Vae sentar-se no lugar que Branca ocupava ao levantar o pano).

Branca: — Tu a conquistaste?

Maurício: — Plenamente.

Branca: — Contando que isto dure!

Maurício: — Oh! Si não respondo pela filha, pela mãe estou certo. Quando ela olha para minha fotografia, diz: "É impossível que este rapaz seja uma natife; ou eu não sou fisionamista, ou êle fará Berta feliz".

Branca: — Ela tem razão. Estou persuadida que tu serás um marido modelo. Tens as qualidades necessárias.

Maurício: — Mas, querida, tu serás uma excelente esposa. Contigo êle será muito feliz.

Branca: — Contigo Berta será muito feliz... Pobre-zinha!... (Pausa longa. Em seguida Branca aproxima-se de Maurício. Êles se acham sentados frente a frente, separados pela mesa). Eu gostaria de te ver fazendo a corte a ela.

Maurício: — Não sou muito desagitado.

Branca: — Tu te portas com habilidade?

Maurício: — Exatamente como me portava contigo.

Branca: — E estás fazendo progressos?

Maurício: — Devo esperar que a coisa vá progredindo. Parece mesmo que ela me dá menos trabalho do que tu.

Branca: — Estás mais habil. é a segunda vez.

Maurício: — E tu me resististe mais.

Branca: — E não era galanteio. Eu julgava que minha vida de mulher estava acabada e hesitava em lançar-me em uma nova aventura do coração. As precedentes não me tinham enriquecido. Sem fazê-lo de propósito, eu não tinha amado senão pobres...

Maurício: — E não havia de ser com os meus dois mil quatro...

Branca: — Além disso, eu pensava já num casamento razoável, e não me faltava, devo confessá-lo, senão ocasião. Eis porque eu te resistia. E depois, tu parecias tão moço! Tinhas ainda o aspecto mal feito de um soldadinho. E eras magro! Tão magro!

Maurício: — Neste sentido ganhei.

Branca: — Disse-me lisonjeio. Engordaste sob o meu reinado, e eu te passo a uma outra em bom estado.

Maurício: — Em bom estado de reparações locativas.

Branca: — Oh!

Maurício: — Quero dizer que assinaria de bom grado uma segunda escritura de arrendamento.

Branca: — Eu não. Não és mais o mesmo. Acolhi quasi um menino e é um homem que se vai. Eu gostava mais do menino. Tu eras antes feio e a idade te...

Maurício: — A idade me embelezou?

Branca: — Não, fezte insipido. Tens menos sabor, menos lirismo. Dizias poeticamente coisas de outro melo. Eu te juro que era de se acreditar algumas vezes que tu falavas em versos.

Maurício: — E algumas vezes era; mas de um outro que não eu. Eu não fazia senão citar, por precaução. Havia, eu me lembro, alguma coisa de Musset na declaração de amor que eu te escrevi e que tu leste ao meu predecessor.

Branca: — Como? Tu me acreditas capaz desta delicadeza?

Maurício: — Acredito porque tu me disseste, mais tarde, numa confissão ao ouvido.

Branca: — Estás me surpreendendo.

Maurício: — Eu te juro. Parece que és filha do meu predecessor, e tu também, tu rias. Como era feio!

Branca: — Muito feio. Comecei por escarnecer de ti; é a regra. E tu acabarias por escarnecer de mim, se eu não tivesse tomado as minhas precauções.

Maurício: — É a regra.

Branca: — Aliás, houve sempre um pouco de bom humor nos meus sentimentos para contigo. Eu me divertia em te amoldar. Sem me gabar, si tu eras inteligente, tu te tornaste, graças a mim, um homem fino. Tens garbo. Não proferes nunca palavras. Falas delicadamente ás mulheres e não conservas o cigarro na boca. Usas luvas. Tens as mãos cuidadas. Mantens em ordem os teus negócios. Fui eu que te ensinei o uso das ligas e as tuas meias não caem mais sobre o sapato.

Maurício: — Em troca destes muitos proveitos, eu te ensinei a fazer endereços, e a desenharr os algarismos; os "três" que tu fazias pareciam drometários.

Branca: — E eu te mudei o teu corte de cabelo, suprimí o renartido e te ensinei a fazer o nó da gravata.

Maurício: — E tu me ensinaste muitas outras coisas ainda.

Branca: — Oh! Tu não tinhas a cabeça dura.

Maurício: — Eu me applicava tanto!

Branca: — E não eras ingrato. Tenho da tua gratidão uma prova que me é cara e que guardo.

Maurício: — Uma prova?

Branca: — Sabes que todas as vezes que eu recebia uma carta tua, e porque me era impossível tirar-te esta perigosa mania de escrever, eu a queimava.

Maurício: — Sem a ler?

Branca: — Eu a lia, mas queimava-a logo.

Maurício: — A posteridade te julgará.

Branca: — Está bem, conservo uma destas cartas. Não pude me separar dela. Quero-a muito. É o testemunho da felicidade que me deves, alguma coisa como o diploma do nosso amor e do teu reconhecimento.

Maurício: — Deve ser longa.

Branca: — Tem quatro páginas comprimidas.

Maurício: — As grandes cartas vêm do coração.

Branca: — Oh! Aquela vem do teu coração. Eu a relia quando tu entraste, e não podia impedir-me de lê-la.

Maurício: — Onde está ela? Mostra...

Branca: — Eu não mostro nunca as minhas cartas.

Maurício: — Mas se fui eu a te escrevi.

Branca: — É justo. Consinto: afasta-te um pouco! (Ergue-se, e põe-se no lugar de Maurício, abre a gaveta e tira a caixa que mostra a Maurício, o qual fica de pé).

Maurício: — Nougatine de Nevers!

Branca: — Proíbo-te de rir.

Maurício: — É nesta caixa que tu escondes as tuas cartas?

Branca: — Só escondo nela a tua carta com duas ou três jóias de família.

Maurício: — Reconheço-a por êste envelope amarelo e êste papel gratuito. Escrevi-a num café. Acabava de sair de tua casa, de teus braços. Tinha nos dedos, que vinham de percorrer a tua beleza, um resto de estremeamento. Não podia cuidar da escrita.

Branca: — O melhor de tí está ali.

Maurício: — Sim, recordo-me que experimentei sobre a mesa de mármore frio, onde minhas mãos acabavam de se extinguir, a necessidade de te dar ações de graças, de te cantá-las.

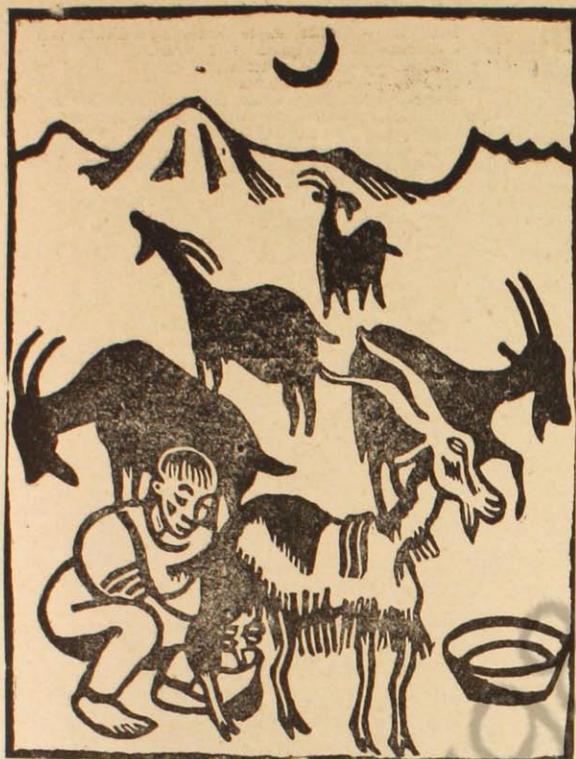
Branca: — Não tem nem data, nem nome, nem prenome.

Maurício: — Eu me lembro, eu me lembro. Começa de repente, como um livro.

Branca: — (Lê) — "Es bela e boa. Adoro-te toda inteira, o corpo, o coração e a alma com as dependências..." Ri.

Maurício: (Interpretando) — Que belo livro não se escreveria sobre nossos amores!

(Cont. pág. 18)

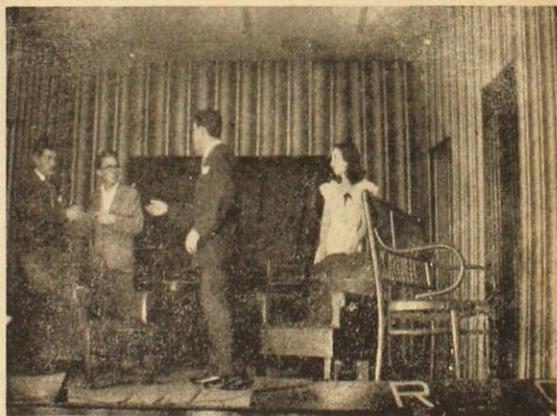


Xilogravura de Richard Seewalce  
para  
"Bucólicas", de Vergílio

## CANDIDA

Cena de ensaio do primeiro ato de "Candida", de Shaw, na encenação do "Teatro Experimental do Circulo de Arte Moderna".

Vê-se na cena os seguintes intérpretes: Eugénio (Jason Cesar); Mowel (Ody Fraga e Silva); Burgess (Édio Ballstaedt); Cândida (Eglê Malheiros). Este espetáculo que é em "caráter cultural" tem o patrocínio do sr. Secretário de Educação, dr. Armando Simone Pereira.



# O PRAZER DE ROMPER

(Cont. pág. 16)

Branca: (Designando a carta) — Seria só copiar. (Lê, dando a impressão de não ressaltar senão passagens da carta). "Tu és tão indulgente para os defeitos de outrem, quanto a gente gosta dos teus...; não te gabas do teu espirito. Desejas que se diga de ti: é uma mulher delicada, e não: é uma mulher de mérito..." E isto aqui! "Tu não dizes mal dos outros, salvo se eles começaram primeiro. Se te acontece algumas vezes mentir..." Isso me acontece?

Maurício: — Oh! Muito pouco, e inocentemente, como quem tinge os cabelos, porque acreditadas que é um atrativo a mais.

Branca: (Lê) — "Tu gostas dos belos vestidos porque condizem contigo, do teatro porque ali há do que rir, e da sociedade porque uma mulher da tua idade não pode viver como um lobo..." Oh! Aqui! "Es preguiçosa, com toda a justiça, porque te parece que o papel de uma bela mulher consiste em ficar bela e que se lhe deve, sem mesmo que elle o peça, os vestidos, o dinheiro e a morada..." (Ri).

Maurício: — Isto está aí?

Branca: (Passa-lhe a carta) — Toma.

Maurício: — É verdade... "Tu não te enraiveces nunca; temes as explosões de amor como o raio, e cederias imediatamente, sem discussão, para teres a paz, ao homem que sobre ti avance com os olhos injetados de sangue, enquanto sua cara emitisse uma luz verde..." (Os dois riem).

Branca: — Isto é exagerado. Eu pediria delicadamente ao cavalheiro que tomasse o caminho da porta, mas era agradável que me fosse escrito. Depois?

Maurício: (Continua a ler a carta apoiado na poltrona) — "Tu gostas de ser amada com delicadeza, que se te ofereça algumas vezes dois sous de violeta, um pudim de rum, uma rendinha, um passeio de carro e que se tenha por ti estas pequenas atenções sem preço que aquecem mais o coração das mulheres que as plumas o seu pescoco..."

Branca: — É, eu gosto que me amem assim.

Maurício: (Lê com emoção crescente e Branca pouco a pouco se distrae) — "Esta noite apenas tive tempo de te beijar. Não tomei posse bastante, como desejava, de ti. Da mesma maneira que um visitante tímido, uma vez fora, repassa o que deveria ter dito, eu te percorro dos cabelos aos pés e me digo: é ali que eu devia especialmente ter posto os meus lábios, ali também, ali ainda, e não deveria, linda e boa amiga, ter erguido um só instante a cabeça..." (Deixa cair a carta). És a mulher com que eu sonhava... e vou te deixar!

Branca: (Ergue-se) — Maurício, Maurício, estás te afastando do texto da carta.

Maurício: (Tomando as mãos de Branca) — Branca, Branca, amei-te com todo o meu ardor e creio que neste momento mesmo és minha única, minha verdadeira mulher.

Branca: — Tal e qual! Eu te suplico, querido, tu estás te incendiando. Vais dizer tolices, e como não te permitirei que as faças, para que dizê-las?

Maurício: — Branca, uma palavra e eu mando passear a pequena e sua fortuna, as conveniências e meu futuro: abandono tudo.

Branca: — Farias isto, tu?

Maurício: — Imediatamente. Experimenta...

Branca: (Põe as duas mãos sobre os ombros de Maurício) — Obrigada. Isto sempre dá prazer. Mas eu não quero dizer a palavra. Calo-me. Calar-me-ei obstinadamente.

Maurício: — Os olhos.

Branca: — Nem mesmo o rosto.

Maurício: — Os lábios, depressa.

Branca: — Nada.

Maurício: — Então tomarei tudo.

Branca: — Será preciso que eu chame?

Maurício: — Chamar quem? Teus empregados estão fora, tua criada de quarto só vem de manhã.

Branca: — Eu me defenderei então sozinha.

Maurício: — Contra mim?

Branca: — Tu não me fazes medo.

Maurício: — Tenho sede de te tomar de novo.

Branca: — Juro-te que irás daqui com a sede.

Maurício: — Branca, eu te desejo uma última vez. Seria delicioso. Seria original; seria divertido.

Branca: — Seria de se torcer de rir.

Maurício: — Branca, escuta!

Branca: — Sim, compreendo, teria um sabor delicado, um gostinho de adultério antecipado, adultério cometido antes dos nossos casamentos. Tu me propões de boa fé, nossa união como amantes, depois dar-nos-íamos a mão, como camaradas e, de um salto, passarías de uma mulher a outra. Esta ideia é um achado.

Maurício: — É uma ideia como outra qualquer.

Branca: — Oh! Olha, és ridículo... es sujo.

Maurício: — Oh! Arre! Tu é que és ridícula, os modos dela! Eu te pergunto a quem é que nós falamos mal e quem o saberia?

Branca: Eu!

Maurício: — Sim, ridícula e má! Tu recusas por orgulho pueril, para te dares ares de dignidade e porque estás despeitada. (Branca dá de ombros) sim, despeita a com o meu casamento... Como se não fosse obra tua! Porque foste tu que me impeliste para elle, contra a minha vontade! Assim, dissimuladamente, justificavas o que estavas preparando. Era preciso afastar-me, o Sr. Gutreau esperava à porta.

Branca: — Maurício, eu te suplico!

Maurício: — A prova de que digo a verdade é que eu te sacrificaria agora mesmo, sem pesar, uma fortuna de que faço pouco e que tu...

Branca: — Isto prova somente que tu estás desatinando, Maurício, e que eu tenho juízo para nós dois.

Maurício: — Oh! Está bem, deixa de chorar...

Branca: — Não estou chorando.

Maurício: — ... de torcer os braços; uma vez que te desagradou, retiro-me. Apesar de tudo queria ficar porque julgava que não me pedias mais.



Retrato de Moça  
Do Pintor — Martinho de Haro

(Cont. pag. 19)

# O PRAZER DE ROMPER

(Cont. pág. 18)

Por mim, não queria mais que isso. Mas, aqui não fico mais. Bom dia, até a vista, boa noite, adeus. Recomendações ao Sr. Guireu!

(Faz preparativos de saída falsa, que consistem em tomar o chapéu e a bengala e colocá-los nos lugares para tomá-los de novo e os recolocar).

Branca: (Com uma melancolia dolorosa, vem olhar para Maurício) — Tinha de acabar tão miseravelmente! É com insultos que tu me deixas, quando, sem que nada a isto te obrigasse, vieste esta noite, como um rapaz bem educado, disposto a ser leal e terno até o fim. Estávamos orgulhosos um do outro. Os amantes só valem pelas recordações que se deixam reciprocamente e nós procurávamos, era um belo estorço, deixar conosco recordações preciosas. Oh! Desastrado!

Maurício: (Volta lentamente) — Sim, desastrado. Estou estragando tudo. Tu não deixas de ser uma amiga adorável e eu não consigo senão te revoltar. Reconheço isto bem. Faço-me sempre grandes promessas que não posso nunca cumprir. Nada me mudará. Prevejo que não atormentarei só uma mulher na vida e para continuar, logo que te tiver deixado, irei, como o dizias agora mesmo, encontrar a outra, aquela que me espera, e se ela não for um anjo de docilidade, sinceramente, lamento-a.

Branca: — Estás a te fazer sombrio. No fundo não és máu, mas, algumas vezes, tens prazer em dizer coisas duras.

Maurício: — Se achas que isto me diverte sempre?

Branca: — Sei que não refletés nelas.

Maurício: — Não. Elas me vêm à cabeça, por si, contra minha vontade.

Branca: — Até agora a tua conduta era irrepreensível. Tudo ia tão bem! Que foi que te deu?

Maurício: — Não sei... Um acesso.

Branca: — Ora vamos. Só tiveste um instantezinho de erro e eu te perdôo. (Estende-lhe a mão).

Maurício: — Tu perdoas sempre! Mas o teu perdão não me justifica. (Estendo-lhes as mãos) Falhada por minha causa, estragada a nossa ruptura! Diabo, seja assim; só me resta te desembaraçar de minha lastimável pessoa. Contando que eu não volte maquinalmente amanhã!... Onde é que estávamos? Tudo está determinado? Não me deves nada, não te devo nada?

Branca: — Oh! Queres um recibo?

Maurício: — Oh! Um recibo (datado e assinado, que eu gentilmente depositaria, no dia das núpcias, na coxêche do casamento).

Branca: — Toma cuidado!

Maurício: — Sim, sinto que cada palavra que pronuncio agora só pode ser um desastre a mais. Ora tenho a impressão de deixar uma companheira de viagem, o desgosto, o descejo e saúdo, corrêto e banal; e ora desejo dizer uma coisa de muito profundo, de muito doce, de decisivo, a palavra do fim, não a encontro. Entretanto, não posso sair à inglesa. Meu Deus, inspira um pobre homem e tu mesma, triste e generosa amiga, ajuda-me.

Branca: — Fazes pena e piedade! Não te tortura. Não procura nada. Não diz nada e vai.

Maurício: — Vou. Si ao menos eu estivesse certo que estás calma.

Branca: — Estou calma. Vai e sé feliz... e o teu pãcotezinho em cima da mesa?

Maurício: (Que ia saindo, volta) — Sim estava pensando nisso. Se tu pudesses repousar os teus nervos fatigados, dormir.

Branca: — Vou experimentar. Estou cansada. Deixa-me, queria ficar só.

Maurício: — Recostate nesta almofada. Queres que eu diminua a luz?

Branca: — Não, seria lúgubre. Olha o fogo; estou tremendo de frio. (Maurício se precipita para arranjar o fogo, depois vai, na ponta dos pés, beijar a mão de Branca). Estás ainda aí?

Maurício: — Psiu! Não te preocupes comigo, eu parti. Não há mais ninguém perto de ti.

Branca: — Que vasio! Quantas coisas tu levas contigo!

Maurício: — (Erguendo a cortina) — Ficas com a boa ação. (Sae. A cortina torna a se fechar. Branca olha).



Ilustração de Kubia

TEATRO EXPERIMENTAL

DO

CÍRCULO de Arte Moderna

BREVE

Apresentação do Teatro de Debates

COM

“O Mundo Começou às 5,77”

do escritor português Luis Francisco Rebelo

Este espetáculo será de caracter reservado, sendo distribuidos convites especiais.

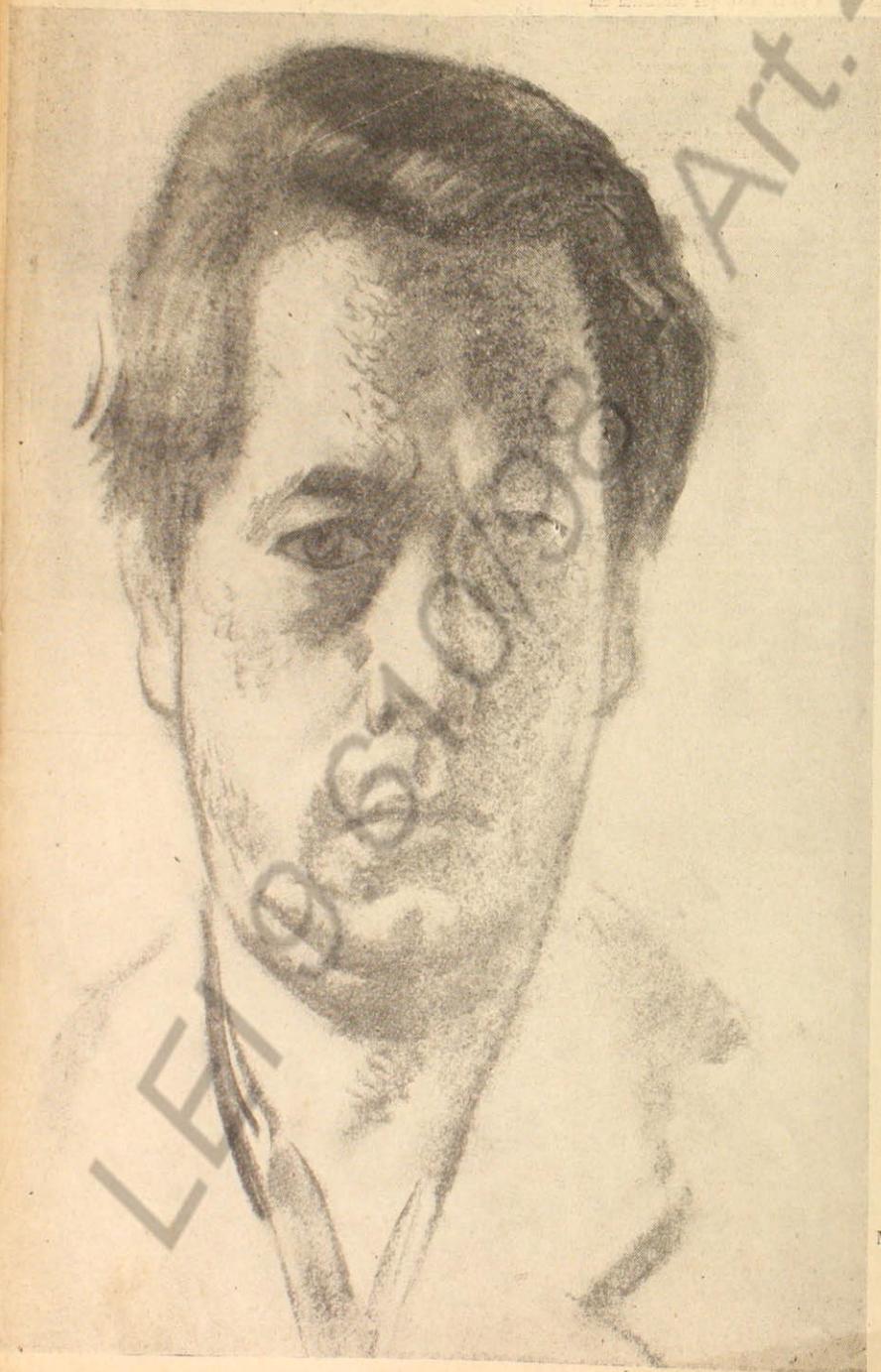
# MARTINHO DE HARO

"Sul", preocupando-se com o desenvolvimento cultural e artístico de nossa terra, têm procurado divulgar os nossos mais destacados elementos, dentro destes setores.

Em uma de nossas edições, já havíamos falado de Moacir Fernandes, que acaba de realizar uma mostra entre nós; hoje tratamos de Martinho de Haro que, sem baloufos elogios, é a maior expressão catarinense nas artes plásticas.

A mais alta expressão da pintura catarinense

Fúlvio Luiz Vieira



Autorretrato  
de  
Martinho De Haro

Poucos, mesmo entre nós, conhecem de Haro e suas realizações, mesmo porque, devido motivos de saúde, ele esteve longo tempo afastado das atividades artísticas. Hoje volta aos centros de arte, em forma, demonstrando que não perdeu absolutamente nada, durante o tempo em que esteve em tratamento, dando visão ao seu temperamento irrequieto e planejando várias obras de inestimável valor.

Entre o que pretende Martinho realizar, dentro de breve, encontra-se a Escola de Pintura. Será uma das mais avançadas realizações no campo da arte em nosso Estado. Reunindo a mocidade com talento sob sua direção, Martinho irá fazer surgir uma série de elementos, os quais possuem talento e valor, mas, que devido a aridez do meio, não se têm manifestado, ficando unicamente em estado latente. A Escola de pintura fará com que nosso capital recupere um tempo enorme, que tem perdido, deixando em abandono a mocidade que bem pode ser aproveitada, dando-lhe uma orientação e tirando-lhe da angustia de trabalhar às cegas, sem um plano, sem mestre e sem uma diretriz.

Martinho de Haro, desde que rompeu com o acadêmico, tem sido muito criticado, faz-se necessário que lembremos aos senhores que procuram desmerecer a arte de Haro em favor de alguns borra telas, coisas fundamentais, as quais insistem em desconhecer.

É comum ouvir-se entre nós: — fulano — citando um pintor qualquer, que more aí pelo interior — é bem melhor, sua arte é pura, a representação real do objeto, etc... Pois este cidadão tal de uma mediocridade a qual quer prova, estudou alguns pares de anos na nossa modada Escola Nacional do Belas Artes, e nunca conseguiu nenhum destes prêmios que são comuns ganhar os alunos daquela escola. Enquanto Martinho de Haro, após tirar todos os prêmios, que o capacitaram tornar-se concorrente livre ao salão Nacional, ganhou, em 1937, o maior

prêmio concedido a um pintor em nosso país, prêmio de viagem ao estrangeiro.

Disse-nos, textualmente, Martinho de Haro sobre sua viagem a Europa: — "Obtive o prêmio de viagem no salão de 1937 e permaneci a maior parte do tempo em Paris.

Não fui a Itália e Holanda, como estava programado, devido ao rompimento da guerra. Em Paris frequentei o curso do professor Othon Friez, na academia da "Grande Chaumière", durante o ano de 1938".

Sendo um pintor de tão larga experiência e ainda jovem, pedimos a Martinho de Haro que nos desse uma possível definição de sua situação dentro do atual movimento plástico. prontamente respondeu-nos: — "A pintura contemporânea possui a preocupação máxima da pesquisa e o artista procura expandir o seu espírito inventivo. O panorama atual da pintura pode ser encarado através de duas concorrentes distintas: A que interpretando um objeto de maneira formal com os recursos plásticos e senso inventivo e a dos abstracionistas, que procura a beleza subjetiva do objeto com formas geométricas. Acho-me enquadrado na primeira destas escolas".

De Haro não se encontra, como muitos pensam, isolado do que está acontecendo no mundo das artes, prova-o a sua última declaração textual: "Estou sempre em contacto, através de revistas, correspondências, etc... com o movimento mundial da pintura. Atualmente estou trabalhando muito afim de organizar exposição no Rio e São Paulo."

Martinho de Haro vai voltar a uma mais decisiva atividade artística, isto é ótimo para nós. Com sua Escola de pintura, e as futuras exposições que irá realizar. De Haro formará conosco na luta por um lugar para Santa Catarina, no panorama artístico nacional. "Sul" sente-se orgulhosa de dar estas notícias sobre de Haro aos seus leitores, como, também, em estampar três dos seus trabalhos que são: Auto-retrato, O cabloco e o Tordilho e Retrato de Moça.



O Cabloco  
e o  
Tordilho

# RECEBEMOS E AGRADECEMOS

## LIVROS:

Antologia poética de Cecília Meireles (1932 — 1945)  
33 poemas selecionados e traduzidos por Gaston Figueira.  
Coleção "Cuadernos Poesia de América" vol. I.  
— Montevidéu, outono de 1947. Enviado por Gaston Figueira.

Luz Interior poemas de Nelida Chearara, Editorial Luz Lasserre, Buenos Aires. Enviado pela autora.  
Céus e terras do Brasil do Visconde de Taunay, edições Melhoramentos, S. Paulo, 1948.

Rua de Pedra poesias de Valfrido Piloto, edição da Gráfica Mundial Ltda.

Curitiba, 1948. Enviado pelo autor.  
Rouge Sentimental, versos de Judith Nunes Pires. Editora Pongeti, Rio. Enviado pela autora.

Castro Alves explicado ao povo, por Fernando Segismundo. Editora Leticia, 1947, Rio. Enviado pelo autor.

Notícias do Rio musical, palestra de Péricles Leal, apresentada em plaquete pelo Departamento de Publicidade da Paraíba, 1949. Enviado pelo autor. São as aventuras de um reporter curioso no ambiente musical do Rio.

Gente de França — ensaios de Alcântara Silveira. Editora Assumpção Ltda., 1947, S. Paulo. Enviado pelo autor.

Flores Silvestres — poemas de Clemente Sancho Lozano. Edição do autor, enviado pelo mesmo. Buenos Aires, 1947.

Anel de Saturno — peça em um ato de Rosário Fusco, Rio de Janeiro de 1949. Edição limitada de 250 exemplares, numerados e assinados pelo autor.

Hora Iluminada, poesias de Manoel Sobrinho, da Academia Maranhense de Letras, Editora Aurora, 1948, São Luiz Maranhão. Enviado pelo autor.

## REVISTAS:

REGIÃO nº 10, Recife, dezembro de 1948. Direção de Edson Regis. Colaboração em prosa e verso de Adauto F. Gonçalves, Afonso Feliz de Souza, Aníbal Fernandes, Antonio Franca, Aristoteles Cláudio A. Carneiro da Cunha, Diogo de Macedo E. W. F. Edson Légitis, Elardo Farias, Francisco Valois Costa, Gasparino Damata, Gilberto Freire, Guerra da Holanda, José Sarney Costa, Ledo Ivo, Mario Pedrosa, Moacir Souto Maior, Murilo Mendes, Olívio Montenegro, Zilde de F. Maranhão.

Murais de Cícero Dias.  
NATIVA ano 24 nº 285, Buenos Aires. Entre outros publica um artigo de Sara Sabor Vila "América Trabalha".

RESENHA LITERÁRIA ano 1 nº 2 — Recife, dezembro de 1948. Colaboraram neste número: Paulo Tavares, Perminio Asfora, Nelson Chaves, Haroldo Bruno, Maurílio Bruno, Octavio de Freitas Jr., Gasparino Damata, João Gualberto Alencar, Luiz Vasconcelos, João Asfora, Olívio Melo, Aluisio Sampaio, Fred Pinheiro, Fernando F. de Loanda, Silvino Lopes. Tráz ainda 2 poemas traduzidos de Countee Coulen.

Ilustrações de Reinaldo Fonseca, Nestor Silva, Percy Lau.

BANDO ano 1 nº 1 Janeiro de 1949, Natal, R. G. do Norte. Colaboração de Raimundo Nonato, M. Rodrigues de Melo, Veríssimo de Melo que escreve sobre Jorge Fernandes, precursor do movimento moderno no Brasil, José Bezerra Gomes, Walfan de Queiroz, Joaquin Rêgo, Protasio Melo.

CRONOS ano nº 2 jan. e fev. de 1949, Rio. Direção de Adriano Cury. Conos que neste seu 2º número se apresenta bem melhorada tanto gráfica como literariamente, apresenta trabalhos assinados por: Zito Batista Filho, Mário Cury, Aluizio Valle, L. R. de Almeida, Célio Lira, Olyntho Pitanga Távora, Lahyr Mello, Amarílio da Costa Guimarães, Da Costa e Silva Filho, M. C. Pinheiro Guimarães, Pedro Luiz Massi, Adriano Cury, Aylisio Alves de Souza, Arthur Ferreira de Souza Filho, Ilustrações de Portinari, A. Gadelha, Poti, Ylen Kerr.

REVISTA BRANCA ano 1 n. 5, direção de Saldanha Coelho. Variado número de colaboração em prosa e verso.

VIAGEM ano 10 n. 99, janeiro de 1949, Lisboa — Portugal. Revista de Turismo, divulgação e cultura. Neste número: Artigo sobre Ramalho Ortigão por Fernando Campos, um trecho do livro de Aquilino Ribeiro "Uma luz ao longe", ainda outros trabalhos em prosa e verso, etc.

ESFERA n. 19, dezembro de 1948, Rio, direção de Silva de Leon Chalreou.

ARTES PLÁSTICAS ano 1 n. 3, S. Paulo — janeiro e fevereiro de 1949. Orgão dos Artistas plásticos de S. Paulo. Direção de Ciro Mendes. Neste número: Reportagem de Ibiapaba de Oliveira Martins com Cândido Portinari, artigo de Arthur Kaufmann, artigo de Mário Augusto Martini sobre Bruno Giorgi, artigo de Lourival Gomes Machado sobre a fotografia de Benedito J. Duarte, crítica de Alcântara Silveira sobre o livro de Lourival G. Machado "Retrato da Arte Moderna no Brasil", cartas de Van Rogger e Luis Martins, notas, informações, etc., além de reproduções de trabalhos.

"QUIXOTE", Secretários, Silvio Duncan e Raimundo Faoro; Redator chefe, João Francisco Ferreira. Porto Alegre, fevereiro de 1949, n. 4. Com sensíveis melhoras gráficas e de matéria, se apresenta esse número de "Quixote". Contos de: Fernando Jorge Schaneider, Nathaniel

Guimarães, Hermilo Borba Filho, e Emília Alice. Poemas de: Vicente Moliterno, Heitor Saldanha, Ariano Suassuna, Silvio Duncan, Sergio de Castro, Colombo de Souza, Paulo Corrêa Lopes, José Laurentino de Melo, Antônio Girão Barroso, L. Cavalcante, José Paulo Bisol, Otacílio Colares, Dora Isella Russel, João Francisco Ferreira, Mica Helena, C. da Cunha Moliterno, Artursina Loreto. Artigos de: Wilson Chagas sobre Carlos Drummond de Andrade, José Guimarães, Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto por Raimundo Faoro, Acélio Daudt, Ermano Ducceschi, Silvio Duncan. Ilustrações de Paulo O. Flores (capa), Vitorino Gheno e Doroteia Pinto de Silva. E mais notas, informações, etc.

CLÁ — Ano 1 — n. 6 — dezembro 1948 — Fortaleza — Ceará. Diretor: Fran Martins; Secretário: Aluizio Medeiros. Apresenta neste número: caderno de poemas de Martins D'Alvarez, artigos de Florival Seraine, Arnaldo Pedrosa D'Horta, Elardio Farias, Tulo Hostilio Montenegro, José Bezerra Gomes, Olavo de Sampaio, Gastão Justa, Padre João França Melo, etc.; contos de Eduardo Campos e Vasconcelos Mala; poemas: Mauro Mota, Bueno de Riveria, Moacir Souto Maior, Antonio Girão Barroso, Fernando Ferreira de Loanda, Fred Pinheiro, Ledo Ivo e Germana Pontes. Completam o número notas, informações, comentários sobre revistas, etc.

CULTURA — Ano 1 — n. 1 — Rio — setembro a dezembro 1948 — Diretor: José Simeão Leal. É uma revista trimestral do serviço de documentação — Ministério da Educação e Saúde. Ótima revista, das melhores mesmo aparecidas no Brasil, com farto material e boa apresentação. Neste primeiro número, que é dividido em cinco partes: Pensamento, Documentário, Resenha, Bibliografia e Vária, anotamos entre muitos outros, os seguintes trabalhos: Arte — A América e o Nacionalismo Musical, de Renato de Almeida; Ensino do Desenho, por Lucio Costa; Representações faciais do tempo, de Evaldo Coutinho; Ciência — A Universidade na América, Eurlyal de Canabrava; Cultura e Ethos, por Arthur Ramos. História — trabalhos de Artur Cezar F. Reis, Gilberto Freire, José Honório Rodrigues e Wolfgang Hoffmann Harsh. Literatura — artigos de João Augusto de Araújo Castro, Antonio Hovaisis sobre Carlos Drummond de Andrade, e Otto Marla Carpeux.

The HUDSON REVIEW — V. 1 — n. 4 — inverno de 1949 — New York — U. S. A. Neste número da ótima revista destacamos: a primeira parte de um estudo sobre o poeta Gerard Manley Hopkins, por Yvor Winters; um artigo de Hugh Kenner, Baker Street to Eccles Street; segundo estudo de uma série sobre o romancista Thomas Mann (Notes on the Joseph Novels) por Frederick Morgan; The Tooth (conto) por Shirley Jackson; The Modern Literary Journal Review and American Writing, por William Atrowsmith. Poesias de W. S. Graham, Henry Michaud, W. S. Merwin, Donald S. Drummond e William Meredith. Notas sobre arte, cinema, música, livros, etc., completam este número.

SERRAS — Ano 1 — n. 2 — janeiro 1949 — Timbaúba — Pernambuco. Diretores: Artur Lima e João Feliciano; secretário: Cassiano de Souza. Neste número: trabalhos de João Feliciano, José Pessoa de Moraes, J. I. de Andrade Lima, Lylio Neves, Cassiano de Souza, João Coutinho, J. Gonçalves de Oliveira, Charles Cros, Moacir Souto Maior e Fernando Lambert. Notas, informações, etc.

## GENE DE FRANCA-ENSAIOS DE ALCÂNTARA SILVEIRA

Alcântara Silveira reúne em volume uma série de interessantes artigos publicados em jornais de S. Paulo. E logo de início explica: Os livros formados por artigos já publicados em jornais apresentam graves senões e o primeiro é a inaturalidade. "Mas não se dá isto com "Gente de França". São curiosos estudos sobre vultos, antigos e modernos, vistos através de um espírito lícido, num estilo todo próprio, numa linguagem simples e franca. Seu primeiro artigo, assim como uma espécie de introdução, se intitula "Do suposto excesso de literatura francesa". E mostra que em verdade não há tal excesso. Diz ele que a maior parte da literatura francesa — especialmente a boa literatura — "não é mesmo nem conhecida dos escritores o que, para um intelectual, é bem grave, não há dúvida alguma. Somente se traduzem obras de qualidade inferior. Apesar de escritas já há algum tempo, estas palavras servem ainda para hoje. As editoras, para cada livro bom tem, que traduzir inúmeros "best-sellers". E estes cada vez nos metem mais medo.

O autor estuda em traços rápidos Duhamel, Leon Bloy, Du Gard, Verlaine, Rimbaud, Péguy, F. James, Benjamin Constant e outros mais.

Alguns estudos já não tem atualidade, mas nem por isto perdem o interesse. Seja exemplo, "Vozes na Sombra". Outros desejaríamos que fossem mais desenvolvidos, dando-nos o autor mais detalhes, maiores minúcias que, sabemos, se não é possível maior desenvolvimento num jornal, onde o espaço é limitado, nada impede que num livro fossem aumentados. Podemos, também, muitas vezes não concordar com as idéias do autor, mas nunca é possível deixar de reconhecer a sinceridade do mesmo.

# ATIVIDADES DO SESC-SENAC EM SANTA CATARINA

Iniciando suas atividades no ano findo, o Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial já apresenta em seu favor um acêrvo considerável de serviços prestados à coletividade, através de suas múltiplas atividades. Do relatório de seu Diretor-Geral neste Estado, Professor Flávio Ferrari, podemos aquilatar os benefícios que trouxe essa instituição às classes laboriosas do Estado.

Inicia-se assim o relatório do Professor Flávio Ferrari:

Encerradas as atividades do ano de 1948, o Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial — SENAC — passamos a relatar as principais ocorrências no decurso deste primeiro período de porfiação labor, desde a sua instalação, fase inicial em que as atividades, postas em andamento constituíram, por assim dizer, campo propício a frutíferas experiências, formando resultados os mais promissores.

Eis alguns dados do relatório do Professor Flávio Ferrari, referente ao SENAC, que constituem um resumo das atividades dessa instituição em nosso estado e uma demonstração palpável dos benefícios que ele vem prestando á classe comerciária:

O SENAC mantém, em várias cidades do nosso Estado, os seguintes cursos:

Curso Fundamental — Curso de Balconista — Curso de Dactilografia — Curso de Correspondência — Curso de Prática de Comércio — Curso de Prática de Escritório e vários outros.

Concedeu, também, o SENAC, durante o ano de 1948, 302 bolsas de estudo, assim distribuídas:

Florianópolis — 202; Blumenau — 50; Joinville — 50.

O movimento nos cursos acima citados, foi o seguinte:

	n. de alunos matriculados	n. de aprovações	n. de aulas
Brusque	113	54	699
Mafra	82	23	667
Lajes	87	19	695
Pôrto União	39	30	386
Laguna	80	14	378
Blumenau	93	70	1197
Joinville	164	127	1074
São Francisco	176		
Florianópolis	324	139	1918

Pelo o que acima ficou demonstrado, vê-se que o SENAC vem cumprindo fielmente a finalidade a que se propôs. Estão por esse motivo de parabens os comerciantes catarinenses, e o tem que muito ficam devendo ao Diretor-Geral do SENAC Prof. Flávio Ferrari, que com sua boa vontade e com seu dinamismo, em propugnando pelo alevantamento do nível de vida da tão sacrificado classe dos comerciários.



Direção do Sesc - Senac nesse Estado ladeando o Sr. Prefeito Municipal.



Aspêcto da festa oferecida pelo Sesc aos filhos dos associados

### LIVRARIA ROSA

Qualquer livro...  
(Romance, poesia, religião, técnico)  
de qualquer editora...  
(nacional ou estrangeira)  
ser-lhe-á fornecido  
(por Reembolso Postal, si quizer)

Rua Deodoro, 33 Florianópolis

COMP. IND. FETT LTDA.

INDUSTRIAIS E EXPORTADORES

P I N H O

Bruto — Beneficiado — Caixaria  
Escritório: Rua 24 de Maio, 24 — Caixa Postal, 16  
FLORIANÓPOLIS

JOVENS AUTORES

Uma atraente fórmula cooperativa permitir-vos-á  
publicar em França as vossas obras (peças de tea-  
tro, romances, etc...). Escrever para  
informações a:

EDITIONS LUTETIA

91, Rue Saint Lazare, Paris 9ème, Seine, France.

C A S A V I T O R

Especialista em calçados para homens, senhoras e  
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

Rua Felipe Schmidt, 3 Florianópolis

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS SANTA CATARINA

I. J. ATHERINO & CIA.

R. Jerônimo Coelho, 2 — Fpolis. — S. C.

Armazem de Gêneros Alimentícios

Artigos de primeira qualidade

Atacadista e Varejista

O ÚNICO

FLORISBELO

ALFAIATE

Florianópolis

### VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES  
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2º andar

FLORIANÓPOLIS

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS  
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.  
Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA MODERNA  
DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,  
livros didáticos, papeleria e artigos de escritório.  
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8  
FLORIANÓPOLIS

DR. GUERREIRO DA FONSECA

ESPECIALISTA

Do Hospital de Caridade e do Centro de Saúde  
Ouvidos — Nariz — Garganta — Tratamento e  
Operações

Residência: Felipe Schmidt, 99 — Tel. 1650  
Consultório: Visconde de Ouro Preto, 2 - Das 2 as 5  
Pela manhã das 7,30 às 9 horas no Hospital

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

Consultório:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

Srs Médicos:

Leiam "Imprensa Médica" que é uma Revista  
100% científica. Representante para tod o Estado  
de Santa Catarina, Gustavo de Sá Filho; que repre-  
senta também os Laboratórios Iatropan, S. Paulo.  
Façam seus pedidos à caixa postal 343, Fpolis. S. C.